



Secretaria do Planejamento e da Administração
Fundação de Economia e Estatística
Siegfried Emanuel Heuser

esees

CAPITAL E DINHEIRO

**Um estudo sobre a diferença
entre a forma dinheiro
e a mercadoria dinheiro**

Enéas Costa de Souza

Porto Alegre, RS — N.15 — Setembro 1992

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Alceu Collares
Governador

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO

Walter Meucci Nique
Secretário



CONSELHO DE PLANEJAMENTO: **Presidenta:** Dilma Vana Rousseff. **Membros:** Hélio Henkin, Gervásio Rodrigo Neves, Manoel Luzardo de Almeida, Achyles Barcelos da Costa, Nery Santos Filho.

CONSELHO CURADOR: Antonio Ernani Martins Lima, Dora Elizabeth Saikoski Miorando e Marbel Maria Ferreira de Andrade.

PRESIDENTA:

Dilma Vana Rousseff

DIRETOR TÉCNICO:

Octavio Augusto Camargo Conceição

DIRETORA ADMINISTRATIVA:

Moema Kray

CENTRO DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

Marinês Zandavali Grando

CENTRO DE CONTABILIDADE SOCIAL E INDICADORES

Adalberto Alves Maia Neto

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Marilene Brunel Ludwig

CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS

Júlio Cesar Berleze

CENTRO DE EDITORAÇÃO

Elisabeth Kurtz Marques

CENTRO DE RECURSOS

Selmar Afonso Hertzberg



SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA
Siegfried Emanuel Heuser

CAPITAL E DINHEIRO

**Um estudo sobre a diferença
entre a forma dinheiro
e a mercadoria dinheiro**

Enéas Costa de Souza

Porto Alegre, RS — N.15 — Setembro 1992

S729

Souza, Enéas Costa de

Capital e dinheiro: um estudo sobre a diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro / Enéas Costa de Souza. – Porto Alegre : Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1992. –56 p. – (Teses ; 15).

1. Economia. – 2. Moeda. – 3. Finanças públicas. – I. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. – II. Título. – III. Série: (Teses ; 15).

CDU 336.74

Tiragem: 600 exemplares

Toda a correspondência para esta publicação deverá ser endereçada à:

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA Siegfried Emanuel Heuser
Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre - RS
CEP 90.010-283 - Fone: (051) 225-9455

A Maria Aparecida.

E também a Diego e Fabiano.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente nos ajudaram no período desta tese. Em particular a Marcio Percival Alves Pinto, Márcia Nery, Maria Elisa Benetton Junqueira, José Ricardo Junqueira – amigos de inesquecíveis dias. E aos Professores, e também amigos, João Manuel Cardoso de Mello, Liana Aureliano e Wilson Canno – por diversos e carinhosos estímulos. Agradecemos, em especial, ao orientador Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo que, mestre da didática, do texto e da Economia (e enormemente compreensivo nos tratos humanos), fica isento dos erros porventura cometidos no presente trabalho.

E, finalmente, um agradecimento à Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser e suas Direções.

Tese de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo.

A Banca foi constituída pelo Professor Orientador e pelos Professores Dr. Ferdinando Oliveira Figueiredo e Dr. Luiz Antonio de Oliveira Lima.

A Tese foi aprovada com Grau A.

SUMÁRIO

A TESE E A ESPIRAL DA HISTÓRIA	9
PREFÁCIO: NOTAS SOBRE O OBJETIVO DA DISSERTAÇÃO	11
1 – DA LIBERDADE DO SUJEITO CAPITAL	17
2 – A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA ENTRE A FORMA DINHEIRO E A MERCADORIA DINHEIRO	25
2.1 – Da categoria hegemônica e do dinheiro	27
2.2 – O Capítulo I de <i>O Capital</i> e o dinheiro	28
2.2.1 – Abstração (e forma) do valor	29
2.2.2 – Relação e expressão do valor na forma do valor	30
2.2.3 – O segredo da forma do valor	30
2.2.4 – Forma simples do valor e as demais formas do valor	31
2.2.4.1 – Forma relativa do valor	32
2.2.4.2 – A questão quantitativa do valor	34
2.2.4.3 – Forma equivalente	35
2.2.4.4 – As características da forma equivalente	36
2.2.4.5 – O tema da antítese	38
2.2.4.6 – O desenvolvimento da forma valor	40
2.2.4.7 – A diferença formal	42
3 – CONCLUSÃO	47
BIBLIOGRAFIA	52

A TESE E A ESPIRAL DA HISTÓRIA

Esta tese foi escrita em 1986. Seis anos depois, o Mundo mudou com o colapso do socialismo real, quando, desde 30, se falava no colapso do capitalismo. Desabusada Ironia da História, Ironia deste mundo de ativos financeiros, de realização instável do valor, de alterações profundas das tecnologias e da própria organização do trabalho e das empresas. Ironia deste mundo cultural onde a Antropologia, a Linguística, a Psicanálise e as artes criaram a impossibilidade de o homem viver dominado rigidamente por uma causa. Ironia desta democracia, que, inventada pelo liberalismo, foi considerada como algo apodrecido, que deveria ser erradicado pela democracia socialista. Ironia do mercado, que, investido pelo planejamento central, se mostrou um patamar importante para os tempos vindouros.

Diante disso, como fenômeno de moda, desta mídia apologética, começou-se novamente a diminuir a liberdade do pensamento. Propugna-se fugir de Marx como o ateu, de São Tomás. Exalta-se abandonar o socialismo como se, mais uma vez, o capitalismo atingisse a glória de eternidade. Fukuyama está aí, apoiado por todos os liberais de choque e de plantão. Tenta-se, por todos os modos, dizer que Marx é a lepra. Pior: procuram tratá-lo como cão esquecido. A finalidade é muito clara: evitar o pensamento crítico, destruir o diálogo com as correntes que põem questões e que derrubam mitos. Assim, diante da nossa tese — tratando de um aspecto de Marx —, a questão inevitavelmente emerge: será ainda válido, em 1992, discutir um tema como o que propomos, o tema do dinheiro em Marx?

Minimamente afastado da apologia, podemos ver que o episódio político do desmoronamento da URSS não invalida a análise monetária de Marx, ponto decisivo para entender a atual lógica do capital. O que a queda da URSS anuncia é que o socialismo real foi quando muito uma experiência piloto, insuficiente e rapidamente obsoleta. Não invalida conhecimentos oriundos de Marx, sobretudo se não o colocarmos no ponto de cume e absoluto do conhecimento humano. É preciso vê-lo na sua vulnerabilidade histórica, política, teórica, etc. Mas cabe, também, manter a sintonia com suas lições. E uma delas está na dialética em ato em **O Capital**, que nós procuramos aplicar ao próprio, para dar um minúsculo passo. Passo que pode nos encaminhar ao conhecimento teórico, à financeirização nesta época de mundialização da economia e de reformulação tecnológica profunda. No texto da presente tese, trabalhamos o dinheiro a partir da visão de uma determinada teoria das finanças e do Estado e pudemos entrelaçar teoricamente a construção em Marx, mas tentando ir adiante dele, da transformação da forma dinheiro, baseada na mercadoria dinheiro, para um tempo onde o dinheiro de crédito hegemoniza a forma equivalente da forma valor.

Com isso, nosso trabalho se lança na compreensão do capitalismo como valorização do capital financeiro, que, medindo-se no dinheiro, encontraria no dinheiro de crédito um ponto fundamental para a inteligibilidade de sua oscilação de valor. Estaríamos numa senda, onde o valor trabalho daria gênese ao valor financeiro.

O objetivo da tese, como vemos, foi teórico e, dentro dele, limitado. E, se as questões de financeirização passam mais por Keynes e Minsky e as questões da tecnologia e do processo de trabalho, do mercado financeiro, da mundialização, etc.

passam por outros autores, principalmente os neo-schumpeterianos na questão tecnológica, de qualquer modo o capitalismo continua sendo de base monetária. E aqui ninguém conseguiu como Marx mostrar como o dinheiro emerge da mercadoria. No desenvolvimento do capital, o crédito produziu novas formas do dinheiro, culminando — este o argumento do trabalho — por criar uma diferença substancial entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro. Introduzimos, no texto de Marx, uma reversão dialética após a passagem do dinheiro ao crédito, com o crédito transformando o dinheiro e fornecendo a gênese para a inteligibilidade da mutação do capitalismo e da conseqüente assunção do conceito de valor financeiro.

O que nós pretendemos mostrar é que a forma do valor, ponto decisivo para ter a compreensão do caráter mercantil do capitalismo, acompanha, necessariamente, as transformações do capital que incidem sobre ela. Daí o título **Capital e Dinheiro**. E essa relação se torna elemento crucial para a explicação da instabilidade do nosso sistema econômico, além de mostrar como se dão as modificações teóricas oriundas da metamorfose do real. O que esta última faz é, em função disso, expressar em idéias, conceitos, as articulações do real, procurando verificar, através de mutações no caleidoscópio conceitual, as alterações do próprio real. Ou seja, as metamorfoses da realidade devem encontrar no espaço específico da teoria "trans-formações" que permitam entender àquelas, e não como fazem os economistas de inspiração positivista, kantiana, etc., que dão por supostas as mudanças na economia, sem mostrar como se deram as alterações e as mutações dos laços teóricos. Mesmo no anoitecer, há que ter um mínimo de luz para se ver que os gatos não são todos pardos, mesmo que alguns pensem, contra tudo e contra todos, que estão com a História ou, como agora outros pensam, que ela chegou ao seu fim. Como uma "antena da raça", diz o poeta Octavio Paz no seu poema *Aunque es de noche* "(...) la historia es espiral sin desenlace".

Enéas Costa de Souza

Porto Alegre, setembro de 1992.

PREFÁCIO:
NOTAS SOBRE O OBJETIVO DA
DISSERTAÇÃO

"E me inventei neste gosto de especular."

Guimarães Rosa

Tratamos de discutir, nesta dissertação, um ponto específico da forma do valor — a diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro — e que nos parece decisivo para a compreensão monetário-financeira de Marx. E, na nossa discussão, abordamos aspectos que queremos destacar.

Em primeiro lugar, reintroduzimos a dialética. Buscamos a reapropriação da forma do movimento conceitual que estaria em ação em *O Capital*, e, mais precisamente, na forma do dinheiro. Para tal, partimos de uma questão interna e de uma externa a Marx. Uma questão interna, porque é preciso fixar o movimento de passagem que ocorre no desenvolvimento da referida forma e que vai de sua gênese (Livro I) até a sua transformação (Livro III). Para sermos mais específicos, partimos da pergunta: o que, formalmente, assegura que a forma dinheiro seja adequada para tratar da mercadoria dinheiro e do dinheiro de crédito? Esta, que é a questão interna, se completa com outra, a externa, aquela da necessidade de compreender a inconversibilidade do dinheiro de crédito em mercadoria dinheiro, posta pela atualidade. A questão seria: em que medida a forma do valor, trabalhada por Marx, estaria apta para desenvolver a discussão e a exposição dessa problemática? Dessa maneira, colocamos, implicitamente, que a inteligibilidade do desenvolvimento capitalista passa pela dialética, o que implica não só manter as análises de *O Capital*, mas também redialetizá-las a partir das modificações e transformações do modo de produção capitalista.

Em segundo lugar, a reintrodução da dialética na análise econômica permite interpretar Marx de acordo com a sua exposição, adquirindo os termos e as categorias empregadas significações precisas. Daí a necessidade de tratar a forma dinheiro em toda a sua articulação e construção conceitual. Nesse caminho, encontramos pontos básicos, como as idéias de expressão, relação, etc. É a omissão dessas "análises filosóficas" que faz os autores que tratam do dinheiro em Marx romperem com a sua forma de exposição (MULLER, 1992) e, portanto, abandonarem o modo de apropriação intelectual dos resultados do processo de produção capitalista. Enveredam por outras sendas e por diversas veredas. Podemos ver os exemplos de Cartelier & Benetti, De Vroey, Aglietta, etc.

Ao darmos ênfase à dialética, não estamos fazendo uma dissertação filosófica; ao contrário, procuramos efetuar um trabalho sobre economia, onde a abordagem conceitual do autor, no entanto, não está descurada. Assim, achamos que esse ponto da forma do valor merecia relevância. E, igualmente, não fizemos uma análise da teoria monetária de Marx, fizemos, isto sim, a defesa de sua forma de apreender o movimento da sociedade capitalista, porém tratando sobre um ponto específico, que nos pareceu crucial para a teoria monetária de *O Capital*. Nele estabelecemos uma passagem e uma diferença, sem a qual não se pode articular, conceitualmente, nem os desdobramentos categoriais do livro em pauta nem a evolução contemporânea do capitalismo nas questões do dinheiro.

Rastreamos diversos aspectos envolvidos na dissertação, pudemos fixar alguns elementos. E, como trabalhamos sobre filósofos e economistas, cabe dizer que, a partir do tema escolhido — diferença da forma dinheiro e da mercadoria dinheiro —, buscamos sistematizar traços que se distinguem no objetivo esco-

lhido da exposição. Mas é preciso esclarecer: a nossa preocupação dominante era o tema da diferença, e não as diversas interpretações monetárias de Marx. Dessa forma, ao trabalharmos sobre Althusser, Coletti, Zeleny, Gianotti, Ruy Fausto, Castoriadis, etc., entre os filósofos, e Suzanne de Brunhoff, Aglietta, Cartelier, Rubin, etc., entre os economistas, tentamos distinguir as características da forma dinheiro. E constatamos o seguinte, na interpretação de Marx.

Primeiro, a Filosofia trabalha a lógica de **O Capital** como se não houvesse uma relação entre a reconstituição categorial e o capitalismo, como se este tivesse sido apreendido definitivamente por Marx. **O Capital** seria um livro pronto, e a lógica com os seus desdobramentos de formas estaria encerrada.¹ Há uma exceção nessa linha: Gianotti, sobretudo no seu capítulo **Formas da Sociabilidade, em Trabalho e Reflexão** (GIANOTTI, 1983). Na verdade, a Filosofia não incorpora as transformações do capitalismo, por uma prisão do filósofo à lógica interna instaurada no livro. O princípio lógico acaba por derrotar as transformações do real, cessando, assim, de atuar a lógica dialética. Os que rompem com essa prisão, ou recusam a dialética ou abandonam os resultados obtidos por Marx, ou ambos.

Segundo, a Economia avançou no conhecimento do capitalismo: Kalecky, Keynes, Schumpeter são os nomes mais evidentes desse progresso. E, no entanto, os economistas não reelaboraram as novas categorias e suas relações no interior da teoria econômica, naquela inspirada na crítica da economia política, sobretudo porque o movimento dialético progressivo-regressivo é abandonado. Assim, nesse sentido, o avanço do capital para novas posições não provocou transformações nas categorias anteriores. Tentamos recuperar esse movimento dialético em relação à categoria dinheiro, revelando a sua diferença básica, o que permite que a categoria seja incorporada nas novas figuras do capital. Buscamos pôr fluidez no conceito de dinheiro.²

Essa dissertação é um trabalho pensado no intervalo da Filosofia e da Economia, utilizando, da primeira, a lógica em ato, e da segunda, a necessidade de explicitar a exposição da forma dinheiro na teoria monetária de Marx. E, por isso, investimos contra um imperialismo categorial, o da mercadoria dinheiro, oculto nas abordagens marxistas, uma vez que esse imperialismo está por trás — junto com a redução da teoria do valor à teoria do valor-trabalho, do congelamento da concepção de Marx e do abandono da dialética — na interpretação da economia contemporânea.

Ao discutirmos a teoria monetária de Marx, partimos de uma idéia de Gianotti: "A nosso ver 'O Capital' antes de tudo narra a história categorial da produção capitalista, a saber, todos os passos necessários da **posição do capital**, desde a sua forma elementar, a mercadoria, até suas manifestações mais imediatas, como o preço, a renda, etc. (...)" (GIANOTTI, 1968, p.74). Tal idéia combinou-se com uma afirmação de Belluzzo, "A

¹ Ver Dognin (1977); Fausto (1983); Il'Enkov (1975); Kosik (1967); Luckacs (1960); Luporini (1969); Muller (1982); Reichelt (1973); Rosdolsky (1978); Torres (1979); Zeleny (1974).

² Os autores a seguir citados trabalham sobre o dinheiro, mas ou não incorporaram os avanços e as transformações do capitalismo, ou, quando as examinaram, não dialetizaram essas análises: Aglietta, Orléan (1982); Benetti, Cartelier (1980); Bernardo (1983); Brunhoff (1967); Brunhoff (1979); Cartelier (1979); Brunhoff, Cartelier (1979a); Boffino (1973); Cutler, et al (1980); De Vroey (1981); Eldred, Hanlon (1981); Foley (1975); Foley (1978, 1982); Innes (1981); Lipietz (1982); Mandel (1980); Tolipan (1983).

lei do valor é a lei de valorização do capital", com uma metáfora de Conceição, "a explosão do Sol", com uma idéia de regulação do capitalismo contida no artigo de João Manuel e como uma visão de *O Capital* de Isaak Illich Rubin (BELLUZZO, 1980; MELLO, 1977; RUBIN, 1974; TAVARES, 1979). Assim definimos as proposições que nos orientaram nessa "aventura da dialética": a demonstração da diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro.

Para formular nosso problema da diferença na elaboração da dissertação, foi preciso destacar dois aspectos.

Primeiro, foi necessário reintroduzir o capital na demonstração monetária. A presença dele como categoria permite compreender o desenvolvimento integral das demais, uma vez que elas não ficam retidas num nível único de relações de produção. No caso do dinheiro, podemos partir da gênese da mercadoria dinheiro, da sua desmaterialização, e chegar até o Livro III, quando há a "ameaça" de sua supressão no dinheiro de crédito.

Mas a construção do todo categorial a partir da movimentação do capital e o regime de desenvolvimento das categorias só ficam plenamente esclarecidos quando tomamos a opção pela totalidade. Por isso, o itinerário do processo de demonstração só fica iluminado na releitura. A totalidade é uma categoria que exige tanto o percurso da exposição, enquanto trama de etapas sucessivas que se dá na leitura, quanto a visão panorâmica e reconstitutiva, que se efetua por ocasião da releitura. Assim é que se pode ver como a introdução do capital e seu movimento circular-espiralado, de avanço e regresso, na organização categorial podem permitir o registro de uma diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro.

Segundo, no rastreamento das formas do valor, asseguramos, desde logo: (a) a expressão e (b) a oposição da forma do valor (forma relativa do valor-forma equivalente), assim como a liberação da forma do valor do imperialismo da mercadoria dinheiro e a possibilidade de rotação do equivalente geral na forma equivalente, para que a forma dinheiro (F4) não viesse a petrificar a diferença examinada, por efeito do fetichismo da mercadoria e do dinheiro. Entretanto procuramos, através da análise formal, desvelar esse fetichismo e explicitar o movimento dialético contido no movimento do capital, que nos conduziu ao registro da diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro.

A discussão que apresentamos aqui se refere à concepção do problema do dinheiro no livro de Marx, *O Capital*. Preferimos concentrar nossa análise sobre o Capítulo I, pois, ao nosso ver, a leitura equivocada do mesmo anula as demais etapas do percurso. Queremos reafirmar que, na gênese da forma dinheiro, se joga toda a flexibilidade e a plasticidade da teoria marxista. Em primeiro lugar, porque, desde sempre, se trata do dinheiro na teoria de Marx e, obviamente, na sua teoria do capital. O olvido dessa afirmação é esquecer que a lei do valor é a lei de valorização do capital e que ela se expressa sempre de forma monetária. Assim, há uma relação dialética entre o capital e o dinheiro. Para se compreender o capital, deve se entender a transformação da mercadoria em dinheiro e do dinheiro em capital, como para compreender o dinheiro é indispensável partir do capital no seu processo de valorização. Só assim emerge a livre fluidez dos conceitos de capital e dinheiro.

Dessa forma, a nossa leitura do dinheiro se dá como retorno, como "re-curso". Ou seja, o itinerário formal (do Livro I ao Livro III), nós o revertemos na nossa trajetória, já que iluminamos a questão da gênese da forma dinheiro também a partir do Livro III. O que quer dizer que, categorialmente, se dá uma releitura, e, portanto, os conceitos

tornam-se fluidos a partir da dinâmica do capital e de suas novas posições, por exemplo, daquela do dinheiro de crédito. E, como colocamos também uma questão externa — a do capitalismo contemporâneo —, é importante que as análises do capital financeiro entrassem como nova posição para dar movimento a uma possível rigidez de análises monetárias inspiradas num Marx cristalizado. Não se trata de fazer uma exposição a partir desses pontos, mas pensar o Livro I com a abertura do Livro III e do capitalismo financeiro. De qualquer modo, essa opção teve como finalidade marcar a diferença formal básica que existe entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro, o que nos permitiu consolidar as propriedades básicas daquela. Essa concepção de trabalho daria validade ao tema — bastante específico — desta dissertação.

Finalmente, a diferença que discutimos foi produzida por nós como problemática, por isso não tem história. Trabalhamos, assim, a partir de uma intuição intelectual do movimento dialético da exposição de Marx. O nosso trabalho e a nossa dissertação buscaram esclarecê-la. Tratamos de efetuar uma limpeza de terreno, com o propósito de discutir este problema implícito da forma dinheiro, base para uma futura exposição dos diversos aspectos da teoria de Marx, fora de nosso alcance, no momento. A ambição maior foi, na verdade, mudar o terreno da discussão monetária, deslocar a forma de equacionar a questão. Foi, sem dúvida, de um esforço enorme, porque deslocar uma questão é reposicionar o problema. E, em termos de argumentação, é pôr em palavras e, mais decisivamente, conceituar algo que estava mergulhado no silêncio, nas malhas do indizível.

1 - DA LIBERDADE DO SUJEITO CAPITAL

"(...) trocar é nosso fraco, lucrar é nosso forte."

Carlos Drummond de Andrade

*"Mas o mais importante
é saber que todos os conceitos são (...) fluidos."*

Ernest Bloch

Estudar o dinheiro na economia marxista é pensar, antes de mais nada, a estrutura de **O Capital**. Temos um livro aberto e, ao contrário do que muitos pensam, uma obra em progresso. Nesse sentido, como num todo que não se fecha, o movimento categorial é permanente. Está apto para desenvolver-se e transformar-se. O real — e real capitalista —, satânico ou não, exige uma compreensão teórica a partir de categorias que, sendo originadas na realidade, estão também no mundo mental. O que a teoria faz é a articulação de conceitos, recompondo, ao nível da idealidade, o desenvolvimento concreto das relações de produção, o desenrolar do modo de produção capitalista.

O Capital tem uma estrutura complexa, que pode ser abordada de vários pontos de vista. O melhor será, na nossa opinião, seguirmos Isaak Rubin. Significa partir das relações de produção ordenadas: relações de produção mercantis, relações de produção capitalistas e relações de produção intercapitalistas. Assim, o estudo categorial fica mais adequado, pois observamos a expressão daquelas relações no plano de conceitos. Dessa forma, no livro, o desdobrar das formas econômicas segue um itinerário — em termos de relações sociais de produção — de complexificação crescente. Lendo o texto nessa direção, subsiste iluminado o modo, o método que Marx trabalha. Exemplificando: para apreender o significado de uma categoria — o dinheiro no nosso caso —, é preciso discuti-la dentro de um painel de um determinado nível das relações produtivas. O que nos interessa é marcar o método. Primeiro, Marx abstrai as relações de produção que quer discutir, no caso, as mercantis. O processo abstrativo isola estas das demais, de tal modo que se produz uma ficção teórica. As relações mercantis são examinadas como se fossem completas e autônomas. Mas há uma surpresa. A abstração envolve, além da separação, em segundo lugar, uma construção. O que resulta se arma como uma sociedade em funcionamento. Por isso, quando estudamos as referidas relações mercantis, o que está suposto é a sociedade mercantil simples. A exposição do entrelaçamento das categorias só pode ser feita se temos presente que antes de tudo está lá, altaneira, a dita sociedade. Antes é a sociedade, depois, a reconstrução teórica dela. Então, o todo mercantil é recomposto através das formas fluidas e dos conceitos dinâmicos. Marx faz uma reconstituição ideal. E é no interior desse todo que vamos situar o dinheiro. Encontramos nele o movimento dessa categoria, desde a sua origem até a fixação de uma mercadoria como equivalente do trabalho social.

Na recomposição dos níveis das relações de produção, a ordem é importante. Há relações de superioridade, um nível é mais complexo do que o outro. Ele incorpora as categorias do nível precedente. E aquelas, cuja gênese e desenvolvimento se deram no patamar anterior, podem sofrer mutações, alterações e transformações no novo terreno. Têm pulsões, movimentam-se e alteram-se. Em parêntese: nada é estático, pois nada mais longe de Marx do que estas teorias que tratam de paradigmas marxistas. Não existem paradigmas, existem essências dinâmicas. Em Marx tudo se movimenta. Por isso, novas categorias podem ser admitidas no marxismo — por exemplo, a de capital financeiro, a de imperialismo, etc. Fechado o parêntese, podemos dizer que uma categoria como o dinheiro, cuja origem está na expressão das relações de produção mercantis, apresenta mudanças quando é tratada noutra plataforma, nas relações de

produção intercapitalistas. O exemplo clássico é a modificação que o crédito provoca na mercadoria dinheiro, impondo o surgimento do dinheiro de crédito. Dessa forma, uma lição teórica: a trajetória de uma categoria só se revela plenamente ao longo de todo o livro. E nele, quando a categoria penetra em novas zonas, em novos níveis de relações de produção, pode ser perturbada, alterada. Essas crises agrupamos sob o nome de **transfigurações**. Logo, o dinheiro de crédito é uma transfiguração de mercadoria dinheiro.

Tais considerações nos levam a afirmar — sintetizar — que **O Capital** está dividido em três camadas conceituais e que cada nível posterior inclui o anterior, de tal modo que a dinâmica do mais complexo pode transformar as categorias do antecedente.¹ Também é importante salientar a abertura de **O Capital**, pois as relações de produção intercapitalistas, se diversificando, criam novas realidades, que pedem complementação e expressão a nível teórico. As nossas análises, embora visando ao livro de Marx, não podem descuidar de vê-lo — o contrário seria falsificá-lo — como uma teoria inacabada. Não pelo fato de o autor não ter completado o seu texto, mas pela razão de que o capitalismo se diferencia constantemente. Portanto, o presente trabalho não trata de sair fora de **O Capital**, nem seguir adiante a sua inspiração. Trata de compreender que a citada abertura já faz parte da sua visão de capitalismo e que a introdução do movimento no corpo do método é a realização teórica perfeitamente alcançada.

Agora mais um passo à frente. Queremos dizer que a coleção articulada de categorias, a sua trama constituída como se fosse uma rede de conceitos, organiza-se a partir de uma forma hegemônica. Já se adivinha — aquela do capital, que é "espécie de substância-sujeito" (MARX, 1978, Livro I, p.188-189; GIANOTTI, 1983, p.216). Substância, porque cristaliza seus movimentos em formas materiais precisas. E sujeito, porque dispõe do seu movimento, pode livrar-se dessas cristalizações. Ainda como sujeito, o capital tem uma relação privada consigo próprio. Cresce-se, provocando um infundável retorno a si, mas sempre noutro ponto, porque se move de forma espiralada. No plano conceitual, ele põe, dispõe e repõe todas as categorias em torno dele. Por causa de seu movimento em espiral, aparecem tanto o retorno (o círculo) como o rompimento do círculo (que se dá na dinâmica da espiral).

Para ser mais preciso: o capital é uma categoria que surge no segundo patamar das relações de produção. É uma categoria hegemônica, porque expressa as relações de produção capitalistas, base sem a qual nem as relações mercantis se incorporam, nem as relações intercapitalistas se desdobram. Só assume essa posição porque o capital subordina realmente o trabalho, como Marx descreve no "Capítulo Inédito". Todavia, quando ocorre a exposição das categorias em **O Capital**, a classe capitalista já se impôs, e o que o autor escreve é a reconstituição formal do modo de produção. De tal modo que ela segue uma trajetória lógica, a necessária conexão das formas, distribuídas segundo o nível de abstração das relações de produção. Por isso, podemos falar em método lógico-histórico.² O exame de um patamar — por exemplo, das relações capitalistas — não conecta diretamente a História, porém as categorias nasceram do

¹ A abstração isola e permite o entrelaçamento das categorias em cada andar conceitual, mas a síntese introduz a dinamicidade que aglutina os três patamares no movimento do capital.

² "No **O Capital**, o genético-formal (ou seja, o desenvolvimento sistemático das 'formas' ou figuras) só é possível mediante esta inserção do genético-histórico em determinados pontos." (LUPORINI, 1969). Sobre o assunto, ver também Colletti (1977, p.163-203).

real histórico, e dele vêm os exemplos. É o caso das lutas pela jornada de trabalho e da citação sempre intrigante dos relatórios do inspetor Leonard Horn. Com isso, percebemos claramente: a lógica de **O Capital** traça a imperiosa ligação das categorias, agrupando-as por andares, hierarquizadas pela categoria titular. Mas a lógica global do livro tem um movimento próprio, constituindo-se num tecido de conceitos. Tem uma diferença profunda do real, apesar de este comandar a reconstituição teórica (COLLETTI, 1976). Por isso, quando trabalhamos as relações de produção intercapitalistas, ao nível do Tomo III, Marx lembra:

"Daí que neste terceiro tomo não possa ser nosso objetivo formular reflexões gerais acerca desta unidade. Antes se trata de achar e descrever as formas concretas que surgem do **processo de movimento do capital, considerado em seu conjunto**. Em seu movimento real, os capitais se enfrentam em formas concretas tais que para elas a figura do capital no processo direto de produção assim como sua figura no processo de circulação só aparecem como formas particulares. **As configurações do capital, tal como desenrolamos neste livro (III), se aproximam portanto paulatinamente à forma com a qual se manifestam na superfície da sociedade, na ação recíproca dos diversos capitais entre si, na concorrência** (grifo nosso) e na consciência habitual dos próprios agentes de produção". (MARX, 1978, Livro III, p.29-30).

Ou seja, a restituição lógica da dinâmica do capital parte da troca mercantil — que é o imediato do real capitalista —, vai até as relações capitalistas básicas e retorna à "superfície da sociedade", onde vemos o desenrolar das relações intercapitalistas. Uma ordem própria. E, em todo esse percurso, enlaça conceitos, cujo encadeamento respeita as camadas de conexões — dadas pelas diversas relações de produção —, embora seja justo salientar que entre elas se abram rupturas e saltos de níveis.

Com isso, chegamos a verificar a lógica que atravessa **O Capital**. As fatias teóricas, correspondentes às camadas das relações de produção, são examinadas de modo independente. As duas primeiras, as relações mercantis e capitalistas, são examinadas de forma pura, onde a reiteração apenas reconfirma o itinerário do processo. Só quando as relações intercapitalistas entram na análise é que começa o rompimento da relativa estaticidade dos dois primeiros níveis. Relativa estaticidade, porque as sociedades propostas — mercantil e capitalista (só a relação capital/trabalho) — têm uma dinamicidade que recompõe o ponto de partida. As rupturas dialéticas que nelas ocorrem são, na verdade, passagens de níveis, passagem da sociedade mercantil simples para a sociedade do capital e do trabalho (o Capítulo IV do 1º volume — a **transformação do dinheiro em capital**) e desta para a concorrência intercapitalista (o Capítulo I do 3º volume — a **transformação da mais-valia em lucro e da taxa de mais-valia em taxa de lucro**). No entanto, quando penetramos aqui, nessas relações intercapitalistas, a dinâmica do capital vai transformando tudo. O crédito, por exemplo, faz parte desse movimento. Daí a bela metáfora de Maria da Conceição Tavares, "a explosão do Sol", porque este terceiro nível incorpora as relações de produção anteriores, materializa a exposição do processo global de produção capitalista, recompondo o todo, agora impetuoso e intensivo, propulsor e dinâmico. Logo, aberto, passível quer de reformulações, quer de novos desdobramentos categoriais.

Gostaríamos de finalizar analisando a metáfora: "explosão do Sol". Ela coloca a questão do retorno da expansão das relações de produção intercapitalista sobre as relações capitalistas, anunciando a busca de liberação do capital de sua fonte, o trabalho. O movimento daquele se torna mais do que uma relação privada consigo mesmo, cada vez mais sem a mediação do trabalho e completamente livre de um ponto de origem. Nesse sentido, o desprender-se liquidando a base racional, a "equivalência" entre sobretrabalho e lucro, como nos diz Conceição, pode ser visto em sua potência, não na sua exposição, no livro de Marx. Ou seja, a dança espiralada do sujeito-capital vai se afastando da base capital/trabalho, diversificando-se na concorrência dos capitais e recobrando-se sobre si, num movimento que só tem uma lei interna: a lei da valorização do capital (BELLUZZO, 1980, p.88-91). E isso é dito intuitivamente, pois, no Capítulo IV do Livro I, Marx analisa o capital como sujeito automático, como sujeito englobante e como sujeito em processo (MARX, 1978, Livro I, p.188),³ de tal modo que culmina com a idéia de que

"(...) a mercadoria e o dinheiro não são mais que meras formas (...). Em vez de representar relações mercantis, aparece agora, se pode dizer, numa **relação privada consigo mesmo**. Como valor originário se distingue de si mesmo como mais valor(...). O valor, pois, se volta **valor em processo, dinheiro em processo** e, nesse caráter, **capital**. Provém da circulação, retorna a ela, se conserva e se multiplica nela, regressa dela acrescentando e renova uma e outra vez, sempre o mesmo ciclo. D-D', dinheiro que incuba dinheiro — 'money with begets money' — reza a definição do capital na boca de seus primeiros intérpretes, os mercantilistas (MARX, 1978, Livro I, p.189).

A liberdade do capital, sujeito das formas mercadoria e dinheiro, perpassa o discurso teórico-econômico de Marx. O constrangimento de ambas não anula o seu objetivo, o conúbio exclusivo consigo próprio. Na sua liberdade, encontra a sua alucinação. Porém enfatizemos o ponto que nos interessa: essa dinâmica desenvolvida deve estar presente na nossa análise. "A explosão do Sol", latente no texto, permitir-nos-á apreender características que uma leitura fechada nos impediria de ver. Essa apreensão do sujeito capital nos favorecerá a descoberta de uma dialeticidade capaz de clarear questões do nosso próprio presente. Por exemplo: a supressão da mercadoria dinheiro do pólo equivalente da forma dinheiro. Questões do nosso próprio presente, dizemos, mas questões cuja solução já está implícita em **O Capital**.

Em termos de interpretação, cabe dizer que um texto não existe isolado. Podemos abstrai-lo, para descortinar sua paisagem, sua floresta articulada de conceitos. Mas, num segundo momento, a sua virtude aparece pelo contraste, pelo confronto com outros textos, passados e futuros. Devemos fazer com **O Capital** o que Ezra Pound fez com os poetas, atritá-los, jogar um diante do outro. É a intertextualidade da literatura. No nosso caso, da literatura econômica. E, finalmente, num terceiro momento, a singularidade plena do livro recebe a sua aura, se chegarmos o discurso à História. Essa imensa e permanente tarefa está presente na crítica rigorosa. Para o nosso trabalho, ficamos no

³ Comentários de Fausto (1983, p.29-31).

primeiro ponto, sem descuidar que o segundo e o terceiro aparecem como um teatro à la Commedia dell'Arte, como uma máscara e um título de uma cena — sugerindo.

De qualquer modo, o importante da nossa discussão está em partir da concepção exposta acima e colocar dentro dessa proposta uma leitura do dinheiro —, e mais precisamente, da forma dinheiro. Partimos da gênese (ou aparecimento da categoria), mas a iluminamos através do foco intenso da totalidade. Buscamos, no presente texto, dialetizá-la, o que significa, de modo profundo, descongelar teoricamente a diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro, para mostrar a liberdade que o capital se dá. Resgataremos essa diferença na análise crítica do Capítulo I de **O Capital**.

2 - A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA ENTRE A FORMA DINHEIRO E A MERCADORIA DINHEIRO

"Deus recebe em ouro, Satanás em papel."

Machado de Assis

2.1 - Da categoria hegemônica e do dinheiro

A categoria do capital assume no livro uma importância ímpar. Pois, como já dissemos, ela tem o estatuto de sujeito. Dele vem a capacidade de ser autônomo, dar movimento a si próprio, atravessar mediações (mercadoria e dinheiro) e retornar permanentemente a si, incorporado, expandido, agrandado.

No livro de Marx, o momento do aparecimento do capital é o ponto de inflexão que surge como um resultado histórico e como um salto lógico-qualitativo, conceitual. Categoricalmente, emerge após as análises da mercadoria e do dinheiro, sobretudo porque, como sujeito, tem a capacidade de desprender-se de suas materializações ocasionais e recomeçar o seu circuito fantástico. É e não é o circuito (D-M-D'), pois, se, de um lado, sem as mediações ele não se valoriza, de outro, não fica prisioneiro dessas marcas de sua presença.

O importante aqui é pensar que, para a compreensão do movimento do capital, é necessário entender a mercadoria e o dinheiro, não só porque são bases, veículos da sua trajetória progressiva e reiterativa, mas porque, através deste último, encontra a forma de fixar quantitativamente o seu incremento. E, sobretudo na sua volúpia e no seu delírio social de expansão, ao se relacionar predominantemente consigo, o capital culmina por reduzir o seu circuito material ao ponto mais desmaterializado, o dinheiro; e, no caso contemporâneo, a suas crescentes abstrações: dinheiro de papel, dinheiro eletrônico. E nesse giro, em certos momentos, consegue fundir um mesmo ponto material, a mercadoria, o dinheiro e o próprio capital. Assim, no capítulo sobre o crédito, o capital como "mercadoria" é emprestado sob a forma de dinheiro, o que indica a sua contração e abstração máxima na peregrinação como sujeito: D-D'.

Logo percebemos que as relações capitalistas (a relação capital/trabalho) e as relações intercapitalistas (capital/capital) estão impregnadas das relações mercantis. Ou seja, a compra e a venda incrustam-se em todo o edifício social e estão subordinadas, isto é, ordenadas, pelo centro das relações sociais, as relações capitalistas. Todavia qualquer categoria daquela esfera, a mercadoria ou o dinheiro, por exemplo, encontra o seu lugar na arquitetura do livro determinada pela outra, a do capital. Mas, efeito curioso desta última, a sua ausência, a sua não-presença, concede as condições de conceitualização das primeiras. Não podemos expor a mercadoria e o dinheiro depois do capital. Tem que ser antes, embora só tenham significado através dele. Por isso, Ruy Fausto lembra a heideggeriana expressão: presença-ausência. O capital estaria presente-ausente nas análises categoriais da sociedade mercantil simples. O que é uma peculiaridade desse patamar; pois as categorias das outras camadas seriam desenvolvidas pela sua assistência direta.

O capital para Marx — já dissemos — é sujeito automático, sujeito englobante, sujeito de um processo. A automaticidade aparece na repetição incessante de sua passagem pela mercadoria e pelo dinheiro. Por isso, o juízo emitido por Marx, "**capital é dinheiro, capital é mercadoria**".¹ De qualquer forma, podemos sublinhar que a

¹ Ver Fausto, *Humanismo, anti-humanismo, em Marx: Lógica e Política*, tomo I, p.27-65. Ver comentário de Gianotti (1985), seja sobre a predicação, seja sobre Ruy Fausto.

ordem dos predicados é importante. Ao dinheiro cabe um papel de maior realce do que à mercadoria. E a resposta fica clara, quando analisamos o capital como sujeito englobante: "O valor necessita ante tudo uma forma autônoma, na qual se comprove sua identidade consigo mesmo. E essa forma só a possui no dinheiro" (MARX, 1978, Livro I, p.188). E por que é tão importante essa forma autônoma e comprovada da identidade do capital consigo mesmo? Por causa da idéia de que o capital é sujeito de um processo. Nele muda a sua forma constantemente — **M, D** —, mas "(...) modifica sua própria magnitude, enquanto mais valor que se desprende de si mesmo como valor originário, se autovaloriza" (MARX, 1978, Livro I, p.188). Por isso, as determinações "automático", "processo", "englobante" mostram que o sujeito capital se desloca de seus "modos de existência do valor", postulando um movimento aparentemente imperecível, eterno retorno — não do mesmo, mas do outro. O capital sempre se soma, se acrescenta, e, apesar da sua dominância no modo de produção capitalista, encontra no dinheiro a forma de identificação consigo mesmo. Daí por que não devemos esquecer, ao analisarmos o dinheiro, a distinção entre o dinheiro enquanto dinheiro e o dinheiro enquanto capital. O primeiro é a outra cara da mercadoria, o segundo, a identificação líquida da categoria hegemônica.

2.2 - O Capítulo I de O Capital e o dinheiro

A discussão sobre o dinheiro em Marx tem meandros e armadilhas diversas. Aparentemente, não há equívoco, o Capítulo I de **O Capital** parece cristalino. Vamos ler, expor, e não é nada disso. Enormes dificuldades aparecem, e inúmeras perguntas podem ser feitas. Por exemplo: como se liga o valor ao dinheiro? Qual é o conceito de forma? E muitas outras.

Para Marx, a forma é uma concepção fluida. Apreende o movimento e capta o trânsito das relações sociais de produção. Dito isso, **o centro da questão do dinheiro é a chamada forma de valor**, pois nela sobressai uma articulação conceitual que envolve o valor, a mercadoria, a relação e a expressão de valor, a forma de dinheiro, a mercadoria dinheiro e o tema do fetichismo.

Um dos grandes obstáculos na apreensão metodológica de Marx é entender a trajetória expositiva de **O Capital**, sobretudo o seu primeiro capítulo. Para o leitor, esse texto parece produzido em fatias. E, de fato, o é. Só que a leitura não deve operar-se apenas no sentido analítico, mas no sentido analítico-sintético, onde, ao examinarmos as partes, encontramos a necessidade de uma recomposição integrativa no todo. Dessa forma, após o exame da contradição interna à mercadoria — valor de uso/valor —, passamos ao deslocamento dessa contradição nas diversas formas de valor, até chegarmos à oposição mercadoria/dinheiro. Só que a recomposição completa desse movimento se dá no fetichismo da mercadoria, onde se assegura a inevitabilidade da autonomização da mercadoria e do dinheiro em relação aos produtores diretos, como uma marca da sociedade mercantil. No entanto todo esse curso expositivo é realizado com solavancos, sentidos sobretudo por ocasião de dois momentos: a passagem do valor à forma do valor e a da forma do valor ao fetichismo (BACKHAUS, 1974; FAUSTO, 1978; RUBIN, 1974). O nosso propósito é partir para a explicação do Capítulo I, tal como está expresso na edição definitiva. O que não excluirá o uso de outros textos de

Marx sobre o tema da mercadoria e do dinheiro, já que a meta de nosso trabalho é oferecer uma inteligibilidade completa da forma dinheiro.

Há uma enorme distância entre os *Grundrisse* e *O Capital* na presente questão. E a diferença está na introdução da forma do valor, já vislumbrada na *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Essa forma mostra que a troca de mercadorias é uma relação de valor, onde ocorre uma expressão, também de valor, que tem um dinamismo formal, atravessando diversas etapas e culminando na forma dinheiro.²

É com o intercâmbio que percebemos a relação de valor. Uma quantidade de uma classe de mercadorias está contraposta a outra quantidade de outra classe delas. Marx enuncia: 20 metros de linho valem um terno. Aqui começa tudo, e o seu segredo está contido nessa primeira forma do valor. Com isso se fixa o centro de toda a problemática.

2.2.1 - Abstração (e forma) do valor

Cada mercadoria tem uma forma natural e uma forma social. Esta se expressa pela forma do valor. Porém, antes de discuti-la, sabemos que a mercadoria, como resultado do trabalho dos homens, carrega-o consigo, cristalizado, materializado em si. Nas trocas, por abstração real, emerge o valor. Mas, se ele aparece nelas, aparece porque, além do trabalho concreto, está contido nas mercadorias o trabalho da sociedade, entendido este como unidade, como única força humana de trabalho (MARX, 1978, Livro I, p.48; 1971). Se é assim, se é a única força, o trabalho perde a sua coloração particular. É apreendido independentemente da divisão social das tarefas, como trabalho abstrato — abstrato aqui significa isolado, separado do trabalho concreto. Portanto, trabalho social que é consequência da produção da sociedade mercantil e que permite as trocas, já que é comum a todas as mercadorias.

Devemos entender bem: de um lado, os produtos comercializados são o efeito de trabalhos particulares (do metalúrgico, do tecelão, etc.), mas, de outro, para serem trocados, devem assumir uma característica comum — trabalho social humano —, logo, pertencentes àquela força única de trabalho. Assim, os trabalhos universalizados (generalizados) socialmente são abstraídos de sua concretude. No mercado, no trânsito mercantil, o trabalho concreto é separado do trabalho social. Só este conta. Dá-se, portanto, uma *abstração real*, que nada tem a ver com uma operação da inteligência. É por isso que as mercadorias se trocam como valores, pois, como nos diz Marx, o trabalho abstrato é a substância do valor, resgatando a nível conceitual a operação abstrativa que se processa nas trocas. Registra-se, com isso, a abstração do valor.

Todavia a dualidade trabalho concreto/trabalho abstrato expressa, no produto que vai ao mercado, uma contradição interna a sua forma de mercadoria: valor de

² Ver Marx (1976, p.45-49; 1978, Livro I, p.43-102, Livro III, p.971-1042; 1978a, v.1, p.32-103). Ver, também, Rosdolsky (1978); Mazzuchelli (1985).

uso/valor. E como contradição manifesta a sua tensão no processo de troca, tensão recuperada intelectualmente na forma do valor.

Aqui, a finura da análise chega a seu ponto supremo, pois o que a forma do valor expõe é que a abstração valor (as mercadorias, enquanto valores, são gelatina de trabalho humano) adquire uma forma através da própria relação de uma mercadoria com outra.

2.2.2 - Relação e expressão do valor na forma do valor

A troca de duas mercadorias confronta uma relação de valor. Vinte metros de linho valem um terno. Essa comparação permite a canalização da antítese interna (valor de uso/valor) através da expressão de valor. O que importa ver é o que está em jogo. A abstração do valor revela apenas a cristalização do trabalho humano, sem que o valor assuma forma alguma. É na relação de valor, quando uma mercadoria se posta diante de outra, que se põe em relevo o seu caráter de ser valor. E o caráter de ser valor de uma mercadoria, portanto, a objetividade de uma mercadoria enquanto valor, emerge soberano na expressão de valor. Como? É na forma simples do valor que mais precisas se tornam as coisas. Nela, temos uma relação de valor: xM_A vale yM_B . Vinte metros de linho valem um terno. Essa relação mostra que a M_A (linho) expressa o seu valor através da M_B (terno). Como diz Marx, é a linguagem que elas, as mercadorias, falam. A diz o seu valor por meio de B, porque A tem um papel ativo na expressão de valor, e B, um papel passivo. Esta é o material para a expressão da outra; ou seja, B assume a forma do valor de A. O valor de A, a objetividade de A enquanto valor, adquire a forma natural de B. Discutiremos as conseqüências dessa análise depois. Agora, ressaltamos que é na relação de valor que o valor represado na mercadoria, em confronto com o valor de uso, vem à tona, expressando-se numa outra mercadoria. O valor de A tem uma forma social que é a forma natural de B. Esse resultado só pode ocorrer porque, numa sociedade mercantil, a socialização dos produtos do trabalho se dá na troca, onde se estabelece uma relação de valor, e se efetua aí a expressão de valor duma mercadoria na outra. Assim, a abstração de valor completa-se com a forma do valor.

A abstração e a forma do valor só ficam claras quando existe, antes de mais nada, uma relação de mercadorias, que é uma relação de valor; ou seja, o valor só se dá na relação mercantil — não existe a não ser socialmente, não existe numa mercadoria como coisa absoluta (MARX, 1974, V.2, p.144-147; NAPOLEONI, 1974; RICARDO, 1975). E é nessa relação que uma mercadoria (B), valendo por outra (A), acolhe a expressão de valor de A em B. Com isso, a abstração do valor de A encontra na troca a forma da mercadoria B. Essa é a forma do valor de A.

2.2.3 - O segredo da forma do valor

A objetividade do valor das mercadorias tem uma forma comum, a forma dinheiro. Instala-se na forma natural de uma determinada mercadoria, que passa a ser a merca-

doria dinheiro. Mercadoria universal, como diz Marx, utilizando a fórmula de Verri. A forma dinheiro é a forma acabada da forma do valor, ápice do desenvolvimento da expressão de valor contida numa relação de valor. Filosoficamente, poderíamos dizer que o dinheiro é o "outro" das mercadorias. No entanto há um longo caminho, que é preciso traçar, até chegarmos à fixação desse "outro". Por essa razão, é preciso examinar o processo de expressão desde o seu começo, o que faremos no item seguinte.

Antes, devemos considerar que a teoria monetária recupera, no plano conceitual, o curso das relações mercantis. Para consolidá-la são necessárias diversas formas de valor, antes de se chegar à forma dinheiro. Reconstroi-se a trama categorial que dá gênese a ela, mas o autor de *O Capital* assegura: "O segredo de toda forma de valor jaz oculto sob a forma simples do valor" (MARX, 1974, V.1, p.59). A pergunta estala rápida: qual é o segredo? Estamos como aqueles leitores ou espectadores de novelas ou filmes de detetive e com uma questão de técnica literária engatilhada: por que a arma dispara logo no início? Ou, por outra, por que a primeira forma nos dá o segredo de todas as demais? Marx aponta o embaraço: "A dificuldade não se estriba em compreender que o dinheiro é mercadoria, mas em como, por que, por intermédio de que (grifo nosso) uma mercadoria é dinheiro" (p. 112). Tratamos agora de discutir este "como", este "por que", este "por intermédio de que", começando pela forma simples do valor.

2.2.4 - Forma simples do valor e as demais formas do valor

A estrutura desse aspecto no livro de Marx é um exemplo em ponto menor de seu método. Principia por isolar a questão da forma simples do valor no contexto do desenvolvimento da forma de valor. Daí analisa: (a) os dois pólos da expressão de valor — forma relativa de valor e forma equivalente —; (b) a forma relativa do valor isolada, sob os aspectos de conteúdo da forma relativa de valor e caráter determinado da forma relativa do valor; (c) a forma equivalente, isolada; e (d) a forma simples do valor, em seu conjunto.

O que significa esse procedimento? Significa a divisão e a recomposição do tema. Primeiro, a estrutura polar da forma simples do valor, depois, a análise de cada um dos pólos, para, finalmente, chegar a estudar o problema no seu conjunto. Ou seja, há uma reconstituição minuciosa e detalhada, numa trajetória comandada por um todo parcial.

A análise inaugura-se pela antítese forma relativa do valor/forma equivalente. Ao descrever os papéis ativo e passivo das mercadorias na expressão de valor, Marx indica que a primeira mercadoria da relação 20 metros de linho valem um terno, o linho, ocupa a forma relativa do valor, e a segunda, o terno, a forma equivalente.

O fundamental — e decisivo para a compreensão da teoria monetária marxista — é que essa expressão simples do valor determina uma estrutura que vamos chamar de polar. Sua importância, que permanece ao longo das transformações da forma do valor, levou Suzanne de Brunhoff a chamá-la de "dualidade básica", pois o que temos é uma oposição de pólos, que se atraem e se repelem, mas que, em todo caso, se torna inarredável nas relações de valor da sociedade mercantil. Na linguagem do autor de *O Capital*:

"A forma relativa de valor e a forma de equivalente são aspectos interconectados e inseparáveis, que se condicionam de maneira recíproca, mas

constituem, ao mesmo tempo, extremos excludentes ou contrapostos, isto é, pólos da mesma expressão de valor: que se repartem sempre entre as distintas mercadorias que a expressão de valor põe em inter-relação (...)" (MARX, 1974, v.1, p.60).

Nessa expressão polar, ou nessa oposição mercantil, ocorre uma antítese, onde o caráter tensional, contraditório, se instaura como estrutura, como um antagonismo polar, e os dois pólos estão caracterizados de forma indiscutível. Um é aquele no qual a mercadoria ocupante expressa o seu pensamento mercantil no corpo da mercadoria que ocupa o outro pólo, que é o pólo do equivalente.

O que parece fundamental são as propriedades dessa estrutura. Os pólos são: (a) interconectados, inseparáveis e mutuamente condicionantes/condicionados, mas (b) são lugares que se excluem, e (c) como lugares, postos, estão aptos a serem ocupados pelas diversas mercadorias. Todavia com uma condição: "(...) a mesma mercadoria não pode, na mesma expressão de valor, apresentar-se simultaneamente sob ambas as formas. Estas, ao contrário, se excluem entre si de maneira polar" (p.60).

Então, se compararmos a forma simples do valor com as demais formas (F₂, F₃, F₄), veremos que essa polaridade se fixa e se mantém até a forma dinheiro, quando uma determinada mercadoria ocupa o pólo equivalente da expressão de valor e recebe o nome de mercadoria dinheiro. Com isso, a forma simples diz tudo. Qualquer relação mercantil passa pela forma do valor, que se arma numa estrutura polar, tensional, porque, embora haja conexão entre os pólos, a oposição se mantém.

Agora, abrimos um parêntese. Serve para realçar essa estrutura polar como decisiva na teoria monetária, pois independentemente da mercadoria que ocupa o pólo equivalente, o que se mantém é a estrutura dual. E, nesse ponto, a forma simples do valor é admirável, já que qualquer mercadoria pode ocupar o pólo equivalente; ou seja, muda-se a mercadoria, mas a estrutura polar segue vigente, reinante. Uma coisa é a oposição mercantil, que é persistente, outra coisa é a mercadoria que ocupa um dos pólos da oposição. Na forma dinheiro, o ouro solidifica-se na forma equivalente. Queríamos apenas registrar que se percebe muito bem, desde logo, na forma simples do valor, a questão polar. E ousaríamos dizer que a não-compreensão dessa antítese culmina por invalidar as interpretações da teoria monetária de Marx, bem como o emprego de uma teoria inspirada nela, na problemática contemporânea do dinheiro. **A bipolaridade deve estar sempre presente.**

Mais adiante, para avançarmos a questão, precisaremos diferenciar a estrutura polar e o pólo equivalente e também o problema da solidificação de uma mercadoria neste último.

2.2.4.1 - Forma relativa do valor

Só a adequada apreensão da abstração e da forma do valor pode assegurar que a inteligibilidade da expressão do valor é uma discussão prioritariamente qualitativa. Qualquer mensuração na relação de troca supõe uma redução à mesma unidade. Antes

da equação quantitativa, temos a equação qualitativa, expressa, por Marx, na frase: "linho = terno é o fundamento da equação" (MARX, 1974, v.1, p.61).

Aprofundemos: o valor contido no linho expressa-se no terno, que se torna (a) "forma de existência do valor", "coisa que é valor". E, nesse sentido, (b) o terno, como "equivalente", passa a ser "expressão autônoma" do linho enquanto valor, ser valor.

Ora, se saltarmos para a forma dinheiro, as coisas em termos monetários ficam claras. O "outro" — o ouro — é a forma de existência do valor das mercadorias e a expressão autônoma dos valores dessas mesmas mercadorias.

Há um grande progresso na concepção da forma do valor. Ela mostra que o valor, como redução real, só adquire forma na relação de uma mercadoria com outra, e nela se institui uma relação de oposição, onde a primeira expressa o seu caráter de ser valor através da forma física da segunda, que absorve a forma da existência do valor como algo autônomo. Ou seja, a questão colocada nos *Grundrisse* (MARX, 1978a, v.1, p.74,132), da autonomia do dinheiro em relação às mercadorias, é um tema já discutido na forma simples do valor em *O Capital*: a mercadoria do pólo equivalente é a expressão autônoma do ser valor da mercadoria do pólo relativo. Ou, como nos diz Marx na sua linguagem,

"Não basta, entretanto, enunciar o caráter específico do trabalho do qual se compõe o valor do linho. A força de trabalho humana em estado líquido, ou o trabalho humano, cria valor, mas não é valor. Se converte em valor ao solidificar-se, ao passar à forma objetiva. Para expressar o valor do tecido como uma gelatina do trabalho humano, é mister expressá-lo enquanto 'objetividade' que, como coisa, seja distinta do linho, e ao mesmo tempo comum a ele e a outra mercadoria. O problema já está resolvido" (MARX, 1978a, v.1, p.63).

Então podemos constatar a dialética instaurada. A abstração do valor registra o trabalho humano abstrato — livre de suas particularidades — como a substância do valor. Mas é um conteúdo que precisa alcançar forma, e só a alcança na relação de valor, tomando este objetivo no corpo da mercadoria equivalente. O terno, assim, é coisa de valor e assume a objetividade de valor do linho, porque o linho só pode ser valor através do terno. Por isso a frase de Marx: "linho = terno é o fundamento da equação". Portanto, uma das coisas mais importantes que se descreve nessa passagem está no seguinte: o valor do linho precisa do material, do corpo do valor, que não está nessa mercadoria, mas na matéria terno, o que quer dizer que o valor do primeiro se exprime através do valor de uso do segundo. A emissão de valor da mercadoria linho encontra recepção naquela chamada terno. A mercadoria que ocupa a forma relativa do valor adquire a sua forma do valor através do valor de uso da mercadoria que ocupa a forma equivalente. Isso fica já materializado na forma simples do valor e se desdobrará plenamente na forma dinheiro: o valor de uso da mercadoria do pólo equivalente representará, por expressão, o valor das demais mercadorias.

Porém o obstáculo à inteligibilidade da expressão do valor de uma mercadoria no valor de uso de uma mercadoria equivalente vem do fato de que se elide, em primeiro lugar, o caráter social da produção privada. A razão está no fetichismo das mercadorias. Como nos assegura Rubin, há duas características no fetichismo. De um lado, ele,

o fetichismo, oculta que, na relação entre coisas, está por trás uma relação social e, de outro, que "(...) as relações sociais de produção adotam inevitavelmente a forma de coisas e não podem ser expressas (grifo nosso) senão mediante coisas" (RUBIN, 1974, p.54). Partindo dessas afirmações, podemos chegar a compreender por que a inevitabilidade da expressão de valor de uma mercadoria no valor de uso de outra aparece para os economistas como se, na forma de dinheiro, as propriedades sociais do dinheiro tivessem origem nas propriedades naturais da mercadoria dinheiro, no caso, o ouro.

2.2.4.2 - A questão quantitativa do valor

Devemos observar que, ao discutir tanto a abstração do valor como a forma do valor, o que vem primeiro é a qualidade de ser valor e sua expressão, e nunca a quantidade. Diz Marx que é preciso chegar àquilo que é comum às mercadorias, prescindindo do aspecto quantitativo, para só depois tratar da comensurabilidade. No entanto a forma de valor, além de "expressar valor em geral", deve expressar a "magnitude do valor, quantitativamente determinado" (MARX, 1978a, v.1, p.65).

É preciso, quando se discute a questão quantitativa do valor, pensar que, a partir dessa expressão da forma relativa do valor, se desdobra o problema da forma preço (MARX, 1978a, v.1, p.121-126). Sabendo que a forma preço é **A expressão relativa simples do valor de uma mercadoria (...)** na mercadoria que já funciona como **mercadoria dinheiro (...)**" (p.86), podemos anotar que existem duas incongruências nessa forma. Uma qualitativa, que permite que "uma coisa tenha formalmente preço sem ter valor". Trata-se do caso da honra e da consciência, que podem ser postos à venda por seus possuidores, exemplo que vimos, no Brasil, em circunstâncias políticas recentes. Ou seja, a honra e a consciência não são mercadorias, mas assumem a forma preço.

No entanto o que mais importa aqui é a **incongruência quantitativa**. Queremos registrar que

"(...) a magnitude do valor da mercadoria expressa, pois, uma relação **necessária e imanente** ao processo de formação da mercadoria com o tempo necessário de trabalho. Ao transformar-se em preço a magnitude do valor, essa relação necessária se põe de manifesto como relação de intercâmbio de uma mercadoria com a mercadoria dinheiro, existente à margem dela. Mas nessa relação tanto pode expressar-se a magnitude do valor da mercadoria, como a oscilação, para mais ou para menos, pela qual em determinadas circunstâncias ela pode afastar-se. Portanto, na forma **mesma do preço** está implícita a **possibilidade de uma incongruência quantitativa**, de uma divergência, entre o preço e a magnitude do valor. Não se trata, de modo algum, de um defeito dessa forma, senão, ao contrário, é isso que faz a adequação a um modo de produção no qual a norma só pode impor-se como lei promedial que, em meio da carência mesma, atua cegamente" (MARX, 1978a, v.1, p.125).

É oportuno, portanto, estabelecer, antes de mais nada, ao discutir a forma relativa do valor e sua extensão à forma preço, a prioridade da questão qualitativa tanto na abstração como na forma do valor. E, em segundo lugar, destacar que não podemos tratar das questões quantitativas do valor como uma questão matemática da transformação do valor em preço, uma vez que a forma do valor, na sua forma preço, é afetada por uma flexibilidade, por uma plasticidade que está contida nela própria. Ou seja, a **regulação nas sociedades mercantis é corroída por uma desregulação**. Tudo porque a lei na economia política é tendencial, o que impede a rígida idealização da transformação. E a lei tendencial, quando afetada por uma dinâmica espiralada e desregularizante como a do capital, não pode impor, como mecanismo de solução teórica, uma demonstração matemática conclusiva e definitiva. Assim é na lei do valor, assim é na lei da perequação da taxa de lucro.

A lei tendencial contém a dinâmica do tempo, das transformações inexoráveis e das rupturas possíveis em contradição com a repetição e a estaticidade e o retorno dos mecanismos reiterativos. Assim, se a transformação do valor em preço não for vislumbrada em termos de tempo, do qual é prova a referida plasticidade, ele ficará preso nas malhas de uma transformação matemática, simples expressão do dispositivo do mecanismo aludido. Portanto, uma lei absoluta, para todo o sempre, inútil, inclusive, para servir à compreensão do capitalismo.

O tempo lógico que impera na transformação quantitativa não pode absorver o tempo ontológico, fundamento da transformação qualitativa. Por isso, a lei de tendência está subordinada a esse tempo ontológico, que, como um vento teórico, refresca a rigidez de um pensamento capturado pela circularidade. Como resultado da abstração, a sociedade mercantil simples, ficção intelectual, está marcada por um tempo lógico. Todavia, subjacente a ela, corroendo-a na sua repetitividade, temos o tempo ontológico — “ó tempo rei” como diria Gilberto Gil —, explosivo de qualquer paralisia.

2.2.4.3 - Forma equivalente

Qual é a propriedade da forma equivalente? É a propriedade da intercambialidade direta. Em F_1 “(...) a forma de equivalente que adota uma mercadoria, pois, é a forma que é diretamente intercambiável por outra mercadoria” (MARX, 1978a, v.1, p.68). E a mercadoria que ocupa a forma equivalente na forma geral de valor (F_3) torna-se a “forma de intercambialidade geral direta ou a forma do equivalente geral”. Na forma dinheiro (F_4), ocorre apenas a fusão dessa forma da intercambialidade geral direta com “a específica forma natural da mercadoria ouro”, através do “costume social”, transformando-se em dinheiro. “(...) a forma geral do valor converte-se na forma do dinheiro” (p.26).

Estamos, portanto, em condições de dar mais um passo na nossa análise da forma valor. Num primeiro ponto, captamos a expressão de valor de uma mercadoria no corpo de outra, o que, no limite, nos leva à expressão das mercadorias na matéria da mercadoria dinheiro. A mercadoria que ocupa a forma equivalente, em qualquer forma do valor, tem a propriedade da intercambialidade direta, que se torna geral, na forma

geral do valor e na forma dinheiro. No movimento ocorre o ocultamento progressivo dessa expressão, de tal modo que essa propriedade parece vir da própria natureza do equivalente e não da forma valor.

"Em realidade, a forma da intercambialidade direta geral de nenhum modo revela à simples vista que se trata de uma forma mercantil antitética, tão inseparável da forma da intercambialidade não direta como o caráter positivo de um pólo magnético o é do caráter negativo de outro pólo (...)." (p.84).

Dessa maneira, o que a forma simples do valor inaugura é a propriedade da trocabilidade direta, mantendo ainda relativamente visível a forma do valor na sua oposição polar. Já na forma dinheiro, o equivalente geral, a mercadoria dinheiro, adquire essa propriedade da trocabilidade geral direta e funciona como se não tivesse realidade polar. O fetichismo do dinheiro torna-se mais agudo do que o fetichismo da mercadoria, a tal ponto que apaga, inclusive, a tensão dialética da forma do valor, gerando a falsa idéia de que é de uma propriedade do ouro a sua intercambiabilidade direta geral. Logo, essa propriedade, materializada na mercadoria dinheiro, faz esquecer a diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro.

O segundo item a tratar é o de que não está "dada a proporção segundo a qual se intercambiam ternos e linhos" (p.68), pois, embora a magnitude do valor do terno fique determinada, como sempre, pelo tempo de trabalho necessário para a sua produção, na expressão de valor do linho no terno, ocupando este a forma equivalente, "(...) sua magnitude de valor de modo algum se expressa enquanto tal. Na equação de valor dita magnitude só figura, pelo contrário, como **determinada quantidade de uma coisa** (grifo nosso)" (p.69). Assim, 20 metros de linho valem um terno. O terno não expressa a sua própria magnitude de valor. Um terno expressa, como quantidade de mercadoria que se situa no pólo equivalente, a magnitude de valor do linho. "**A forma de equivalente de uma mercadoria, pelo contrário, não contém nenhuma determinação do valor**" (MARX, 1978a, v.1, p.69).

2.2.4.4 - As características da forma equivalente

A forma simples do valor tem o segredo da expressão do valor. É a grande verdade que todas as mercadorias podem ocupar tanto a forma relativa do valor como a forma equivalente, desde que se cumpra a condição: não ocupar na expressão os dois lugares da forma simples do valor ao mesmo tempo. Isso indica para as mercadorias uma realidade: existe nelas igualdade e, como são trabalho humano geral, têm validade de base idêntica. Nesse sentido, as mercadorias organizam-se para validarem seus trabalhos a partir dessa unidade básica, o valor, cuja substância é o trabalho abstrato. E como os valores precisam ter uma forma, é necessário que haja a expressão de valor — de uma/de todas menos uma — das mercadorias no corpo de uma qualquer, que, quando se torna equivalente geral e depois dinheiro, aparece como excluída do convívio do conjunto dos produtos mercantis. Portanto, a mercadoria que ocupa a forma equivalente transita no desenvolvimento da forma do valor, de equivalente particular a equivalente geral e à mercadoria dinheiro.

Tratemos, agora, de designar as características da forma equivalente, já apreendidas na forma simples do valor, mas que são válidas para a forma dinheiro. São três:

- 1^a) (...) o valor de uso se converte na forma em que se manifesta seu contrário, o valor;
- 2^a) (...) o trabalho concreto se converte na forma em que se manifesta seu contrário, o trabalho abstratamente humano;
- 3^a) (...) o trabalho privado adota a forma de seu contrário, o trabalho sob a forma diretamente social" (MARX, 1978a, v.1, p.69-72).³

Com essas características da forma equivalente conseguimos captar que é uma/todas menos uma — as mercadorias que expressam o seu valor no corpo de uma mercadoria equivalente. No limite, a mercadoria dinheiro, apesar da sua forma natural e de ser trabalho concreto e trabalho privado, passa a ser a manifestação do valor, do trabalho abstrato e do trabalho social, **por efeito dessa expressão e somente dentro dessa expressão**. A profundidade dessa dialética mostra o processo de constituição das formas no modo de produção capitalista. Ou seja, de um lado, se pensarmos a forma valor mais complexa, a forma dinheiro, temos a dualidade forma relativa do valor/forma equivalente captando a ação comum das mercadorias, designando na mercadoria ouro o que elas são: valores, trabalho abstrato, trabalho social; Mas, de outro lado, não existe uma mercadoria universal que represente tudo isso e seja separada, portanto, mercadoria absoluta, como queria Ricardo. O que Marx diz é o seguinte: uma mercadoria qualquer, por costume social, torna-se o receptáculo dessa expressão e assume na sua singularidade todas as características universais das mercadorias. E, como se trata de uma mercadoria comum, o movimento de expressão das mercadorias aparece elidido, pois tudo ocorre como se a universalidade viesse da própria natureza da mercadoria dinheiro.⁴

Essa capacidade de representar o mundo coletivo das mercadorias ocultando as relações de produção, na medida em que permite que as características sociais apareçam como naturais, é um dos aspectos do fetichismo. Segundo Backhaus, para Marx, essa propriedade já era evidente, como fica claro numa carta que escreveu a Engels. Aparecia como se fosse uma quarta característica da forma equivalente: "O fetichismo da forma mercadoria é mais ostensivo na forma equivalencial do que na forma relativa do valor".⁵ Sem querer discutir o

³ Ver, também, Castoriadis (1978) e Fausto (1983).

⁴ Ver Fausto (1983a, p.89-138), onde cita o belo texto de Marx:

"Na forma III, que é a segunda forma invertida e que está portanto contida nela, a tela aparece pelo contrário como a forma genérica (Gattungsform) do equivalente para todas as mercadorias. É como se, ao lado e além dos leões, tigres, lebres e todos os animais efetivamente reais, que agrupados constituem as diferentes raças, espécies, subespécies, famílias, etc., do reino animal, existisse também o ANIMAL, encarnação individual de todo o reino animal. Tal indivíduo (ein solches Einzn) que compreende em si mesmo todas as espécies efetivamente existentes da mesma coisa é um UNIVERSAL (ein Allgemeines), como, por exemplo, ANIMAL, DEUS, etc.", em Paul Dominique Dognin, (1977, v.1, p.73).

Comentário de Ruy Fausto: "Estamos diante de uma universalidade (Allgemeinheit) que é ao mesmo tempo uma singularidade" (FAUSTO, 1983, p.91).

⁵ Carta de 27 de junho de 1867 (Marx, 1966, p.684).

fetichismo da mercadoria e do dinheiro (RUBIN, 1974), o que nos parece vital é que o processo de expressão, que começa nos trabalhos humanos, exprimindo-se nas mercadorias e estas na mercadoria equivalente, percorre uma trajetória que vai camuflando a realidade e a necessidade dessa expressão; ou seja, a própria expressão gera o fetichismo. Há um processo de autonomia sucessiva da mercadoria em relação ao trabalho e do dinheiro em relação às mercadorias.⁶ O importante é que a forma equivalente tem propriedades que permitem ressaltar a universalidade singular do dinheiro, disfarçando o seu resultado social. Resultado que envolve a expressão de valor e o fetichismo da mercadoria e que oculta todo o caminho da condução de uma mercadoria qualquer ao posto soberano e de monopólio social.

2.2.4.5 - O tema da antítese

O nervo central da análise da forma simples do valor recupera-se quando, após termos feito vários enquadramentos (como num filme) sobre um ou outro ponto (forma relativa do valor, forma equivalente, etc.), voltamos a considerar todo o movimento expressivo da(s) mercadoria(s). "A forma simples de uma mercadoria é, pois, a forma simples na qual se manifesta a antítese contida nela, entre valor de uso e valor." (MARX, 1978a, v.1, p.75). A oposição interna move-se na expressão de valor para uma oposição externa, pois, a tensão valor de uso/valor que está incubada na mercadoria, pela forma do valor, reparte-se numa contradição externa entre a mercadoria — que ocupa a forma relativa do valor e que aparece como valor de uso — e a mercadoria dinheiro — que ocupa a forma equivalente e que conta como valor.

Quando se consideram as transformações da forma valor, uma observação impõe-se: o desembaraço das formas reproduz no plano formal aquilo que é resultado do processo de relações de produção mercantis. Assim, o Capítulo I de *O Capital* constrói a formalização do desenvolvimento expressivo do valor das mercadorias, e o Capítulo II introduz as considerações históricas que consagram a troca mercantil como a consolidação efetiva do desdobramento formal:

"Essa cristalização, que é o dinheiro, constitui um produto necessário do processo de intercâmbio, na qual se equiparam de maneira efetiva e recíproca os diversos produtos do trabalho e, por conseguinte, se transformam realmente em mercadorias. A expansão e o aprofundamento histórico do intercâmbio desenvolvem a antítese, latente na natureza da mercadoria, entre valor de uso e valor. A necessidade de dar uma expressão exterior a essa antítese, com vistas ao intercâmbio, contribui para que se estabeleça uma forma autônoma do valor mercantil e que não repousa nem cessa até que se alcance definitivamente a mesma mediante o desdobramento da mercado-

⁶ O processo de autonomização do valor pode ser discutido a partir de Marx (1978a, p.61-174).

ria em dinheiro. Por conseguinte, na mesma medida em que se consuma a **transformação dos produtos do trabalho em mercadorias**, se leva a cabo a **transformação da mercadoria em dinheiro**" (MARX, 1978a, v.1, p.106).

O tema da antítese modela e põe em desenho a permanente oposição, que de interna passa a externa. E propõe que se veja a questão tanto pelo lado da seqüência da forma do valor, fixando etapas até a forma dinheiro, como pelo lado do pleno funcionamento social, na troca das mercadorias.

Mas há um ponto da análise em **O Capital**, quando se está discutindo a circulação mercantil — Capítulo III —, no qual o tema da antítese mostra um refinamento e uma minúcia teórica exemplares. Estamos nessa altura na sala de espera do intercâmbio, e Marx põe na sua prancheta formal as duas mercadorias antagônicas (mercadoria e dinheiro) com tensões internas (valor de uso/valor) postadas em termos de idealidade e realidade, de forma inversa.

Nossa explicação não pode substituir o texto de Marx:

"Dito processo [de intercâmbio] suscita um **desdobramento da mercadoria em mercadoria e dinheiro**, uma antítese externa em que ela representa sua antítese imanente de valor de uso e valor. Nessa antítese as mercadorias se contrapõem como **valores de uso ao dinheiro como valor de troca**. Por outra parte, ambos os termos da antítese são **mercadorias** e, portanto, **unidades de valor de uso e valor**. Mas essa unidade de elementos diferentes se representa **inversamente** em cada um dos dois pólos e reflete ao mesmo tempo, por consequência, a relação recíproca que medeia entre ambos. A mercadoria é **realmente** valor de uso, seu caráter de ser valor se põe de manifesto só de maneira **ideal no preço**, que a refere ao termo oposto, ao **ouro, como figura real de valor**. O material áureo, ao contrário, só conta como **concreção material do valor, como dinheiro**. Daí que **realmente seja valor de troca**. Seu **valor de uso** se põe de manifesto unicamente de maneira **ideal** na série de expressões relativas de valor, na qual se refere às mercadorias que se lhe contrapõem, como ao **âmbito de suas figuras de uso reais**. Essas formas antitéticas das mercadorias são **formas efetivas em que se move o processo de seu intercâmbio**" (MARX, 1978a, v.1, p.128).

Essa espécie de reduplicação da antítese, ou, poderíamos dizer, do **espelhamento da antítese**, que revela as dualidades em oposições inversas quanto à idealidade e à realidade, é uma preparação shakespeariana do "salto mortal da mercadoria", "fenômeno em estado puro".⁷ Temos, nessa situação, a troca da mercadoria por dinheiro, por ouro. Cabe discutirmos dois aspectos envolvidos nessa situação. De um lado, a expressão de valor, quando uma mercadoria (o linho, mais uma vez!) se expressa e se mede figuradamente no ouro. Nesse movimento que culmina no preço, o que emerge é uma forma do valor que é a ideal. O preço é o que diz o linho em termos

⁷ A primeira expressão está em Marx (1978a, v.1, p.129) e a segunda também (p.132).

de ouro. Porém, ele só é **realizado**, ou seja, o ouro medido só se torna **ouro real**, quando a mercadoria é **vendida, alienada**. Assim,

"(...) se o ouro se transforma em dinheiro ideal ou medida do valor, isso obedeceu a que todas as mercadorias mediram em ouro seus valores, convertendo-se assim em contrapartida **figurada** da figura de uso delas, na figura que reveste o valor das mesmas. O ouro torna-se **dinheiro real** porque as mercadorias, através de sua alienação generalizada, o convertem na figura de uso efetivamente alienada ou transformada delas mesmas e, portanto, em sua figura efetiva de valor (...)" (MARX, 1978a, v.1, p.133).

Todavia o tema da antítese é **autofágico**, pois, se, num primeiro momento, ela permite construir a transição do ideal ao real, ou do potencial ao ato em termos de troca, num segundo, ocorre a devoração do processo de expressão da mercadoria no corpo da outra, a mercadoria dinheiro, pelo fenômeno do fetichismo.

"Em sua figura de valor, a mercadoria faz desaparecer todos os traços de seu valor de uso natural e do trabalho útil particular a que deve sua origem, para tornar-se essa crisálida de que é só a concreção material social uniforme de trabalho humano indiferenciado." (p.133).

O feitiço⁸ da mercadoria e do dinheiro atingiu a antítese. Por fim, reina o mundo encantado do par mercantil, e o resultado do movimento da antítese é a tentativa de suprimi-la. O pecado mercantil oculta-se com a luz do ouro.

2.2.4.6 - O desenvolvimento da forma valor

Tratamos até aqui da forma simples do valor, buscando, porém, apreender o seu segredo, e, por isso, não poupamos algumas incursões nas outras formas. Não descuidamos, inclusive, para esclarecer detalhes, de analisar pontos que não são completados e clareados na própria circulação das mercadorias. Nessa passagem da exposição, ficaremos atentos à discussão da problemática da forma do valor em todo o seu desenvolvimento ou em todas as suas formas.

O que motiva o desenvolvimento das formas do valor é a gênese da forma dinheiro. E Marx apresenta-nos o seu completo desdobramento. A forma I contém o segredo da forma do valor, a **igualdade** e a **validade igual de todos os trabalhos** por serem **trabalho humano geral**. Revela todos os seus aspectos: a relação e a expressão de valor, as propriedades do equivalente e, sobretudo, para a tese principal que queremos levantar, a diferença entre a forma do valor com a sua oposição polar e a mercadoria que ocupa o pólo equivalente. E tanto isso é verdade que o problema essencial da forma

⁸ "Efetivamente, os franceses tomaram o vocábulo 'fétiche' do português feitiço; e é na verdade estranho que se adote esse galicismo, tendo em nossa língua a bela palavra **enfetizado** (...)" (LAPA, s.d., p.40).

simples do valor é que a mercadoria que ocupa a forma equivalente pode ser qualquer uma de qualquer classe das mercadorias. Assim, o decisivo é a interconexão inseparável e contrastante da forma relativa do valor/forma equivalente. E fica livre, rotativa, a mercadoria desta última forma.

Mas, no desenvolvimento da forma do valor, a forma I traz nítidas a possibilidade e a efetividade da troca de uma mercadoria por outra. Trata-se da primeira conexão na recomposição teórica da sociedade mercantil. A segunda forma, já contida na primeira, é a forma total ou desenvolvida do valor. Significa que o valor de uma mercadoria (ainda, o linho!) pode ser expresso em todas as mercadorias existentes no estágio atual da expressão mercantil.

"Pela primeira vez esse mesmo valor se **manifesta** anteriormente como uma **gelatina de trabalho humano indiferenciado**. O trabalho que o constitui, com efeito, vê-se apresentado como **trabalho equivalente em qualquer outro trabalho humano**, seja qual for a forma natural que este possua, já se objetiva no terno ou ferro ou ouro, etc." (MARX, 1978a, v.1, p.77).

Com isso, a sua modesta relação social, como uma mercadoria na forma simples do valor, passa para a sociabilidade exuberante com toda a comunidade de mercadorias. E com uma vantagem. Essa forma é aberta, capaz, portanto, de permitir que novas classes de mercadorias que surjam do processo de produção passem a integrar a manifestação de valor da mercadoria linho. Por isso, diz Marx: "O linho é cidadão desse mundo [de mercadorias]". Olhando, no entanto, pelo lado da forma equivalente de F_2 , o aspecto interessante é que todas as demais mercadorias podem ocupar essa forma. As suas corporeidades físicas aparecem também como corpo do valor. No entanto a F_2 tem o problema crucial da impossibilidade de expressão **unitária** de valor, o que quer dizer que "(...) cada mercadoria tem uma série infinita de expressões de valor, **diferente da forma relativa de valor que adota qualquer outra mercadoria (...)**" (p.79). O que corresponde, na forma equivalente, "a **formas restritas de equivalente**, cada uma das quais exclui as outras" (p.79).

Todavia o desenvolvimento dialético das formas atinge um ponto de reversão, de **inversão da expressão** poderíamos dizer. Pois assim como o linho pode falar na língua das outras mercadorias, estas podem dizer o seu valor em termos de linho, chegando-se à forma geral do valor (F_3). Obtém-se, com essa "forma reflexa", algo extremamente importante. Todas as mercadorias se expressam numa só. Cada uma tem uma maneira **simples** de expressão, e, como é numa única, o modo é **unitário**, e, como todas se expressam na mesma mercadoria, a forma é **geral**. Com isso, percebe-se que a conversão dos produtos do trabalho em mercadorias deixa de ser "assunto privado" para ser assunto social ou "obra comum do mundo das mercadorias" (p.81). Trata-se de um **fluxo simultâneo** de expressões que se materializam num equivalente geral, o que quer dizer que a objetividade do valor das mercadorias adota a forma natural de uma mercadoria, cujo destaque ocorre pelo seu arredamento das demais. Todas as mercadorias se tornam irmãs, iguais, produto do trabalho social, no linho. O linho no seu corpo de linho assume o corpo do valor, "encarnação visível" dos trabalhos da sociedade, do trabalho igual dos homens. A novidade da F_3 está no estabelecimento de uma **antítese consolidada**, mais fixa, porque a oposição forma relativa do valor/forma

equivalente assume novas características, a tal ponto que, nessa forma do valor, a confraria das mercadorias pulula e se agita, para converter-se numa mercadoria, escolhida socialmente por elas, como a forma geral do equivalente, que tem a forma da trocabilidade direta com as demais mercadorias, tema já tratado anteriormente.

A forma dinheiro é a culminação do processo social, quando

"(...) a forma relativa unitária de valor própria do mundo das mercadorias adquire consistência objetiva e vigência social geral. (...) A classe específica de mercadorias, com cuja forma natural se funde socialmente a forma de equivalente, torna-se mercadoria dinheiro ou funciona como dinheiro. Chega a ser sua função social específica e, portanto, seu monopólio social desempenhar dentro do mundo das mercadorias o papel de equivalente geral (...)" (MARX, 1978a, v.1, p.85).

Para finalizar, Marx nos diz que as variações essenciais estão no trânsito da forma I para II e da forma II para III. Por quê?

O desenvolvimento da forma valor precisa encadear, tramar a sucessão das expressões de valor, resultado do intercâmbio dos produtos que materializam o trabalho social, mas numa rede de combinações que indica (a) a expressão do valor de uma mercadoria em qualquer outra, (b) a cadeia indefinida de expressões de valor de qualquer mercadoria e (c) a simultaneidade de expressões das mercadorias numa forma unitária, no equivalente geral. Com essa seqüência, a passagem da F₁ para a F₂ indica a manifestação do trabalho humano como trabalho equivalente a qualquer outro trabalho humano, e a passagem da F₂ para a F₃ clarifica o nascimento do equivalente geral como construção do mundo das mercadorias.

Assim, o tema das antíteses e o seu desenvolvimento não são outra coisa do que o desdobrar da forma do valor. Capta formalmente (melhor seria dizer articula) a engrenagem de conexões que possibilitou a forma dinheiro, mas que foi ocultada e apagada na eclosão do fetichismo. A majestosa figura do trabalho social, o dinheiro, tem na sua gênese um movimento de reversão sobre si própria que a escurece, a tal ponto que o "outro" é dinheiro porque é ouro.

2.2.4.7 - A diferença formal

Ao longo deste primeiro percurso, temos insinuado uma idéia: a diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro. Antes de mais nada, ela aparece inofismável, clara, abusivamente visível na forma simples do valor, porque nela a forma equivalente não tem uma mercadoria específica. Isso quer dizer que a forma do valor tem uma oposição polar que atravessa e acompanha o desenvolvimento das diversas formas, mas que não exige uma mercadoria definitiva no pólo equivalente. Mesmo a mercadoria dinheiro é uma consolidação do costume social. Trata-se de uma efetivação histórica. Por isso, considerar a mercadoria dinheiro como ocupante final, identificando-a e igualando-a com a forma dinheiro, parece-nos insustentável.

Em primeiro lugar, uma coisa é a expressão de valor da mercadoria, que estabelece a antítese polar, forma relativa do valor/forma equivalente, e outra coisa é a mercadoria que ocupa a forma equivalente. A expressão de valor estabelece dois lugares, dois pólos. E o pólo não é o mesmo que a mercadoria equivalente. Nem mesmo na forma dinheiro a consolidação histórica da mercadoria dinheiro nos permite tratar a expressão e seus dois termos, e obviamente o segundo termo, como igual ao ouro. A identificação, a igualação, seria o resultado do fetichismo do dinheiro, já que aparece como se a propriedade de ser dinheiro viesse da mercadoria dinheiro e não da expressão do valor.

Em segundo lugar, podemos constatar que essa colagem da mercadoria dinheiro com o pólo equivalente da forma dinheiro poderia ocultar a diferença que declaramos. A razão estaria no fato de que, no mínimo, no nível da análise — nas relações de produção mercantis e na sua expressão fictícia, a sociedade mercantil —, a diferença tenderia a ser escondida, pois a própria ação das mercadorias consolidaria a forma dinheiro. No entanto, afirmamos nós, ela está latente. E quer indicar três coisas: a primeira, que o decisivo a compreender é a **expressão de valor**, cujo resultado é um desdobramento da contradição interna à mercadoria, valor de uso/valor, que se posiciona em duas formas, a relativa de valor e a equivalente, interconectadas, inseparáveis na sua tensão; a segunda, que a mercadoria dinheiro é uma necessidade histórica e que teoricamente é uma necessidade lógica da ação mercantil; a terceira, que a própria gênese da forma dinheiro, só por uma necessidade histórica, funde a forma natural como forma social do valor da mercadoria dinheiro.

Em terceiro lugar, na sociedade capitalista começa um processo de solapamento da mercadoria dinheiro, quando, na questão do crédito, percebemos que pode haver a substituição da mercadoria dinheiro pelo dinheiro de crédito.⁹ Todavia, se examinarmos bem, esse sumiço que vai ser dado àquela já está embutido na sociedade mercantil. Podemos constatar que, já na circulação das mercadorias, ocorre a desmaterialização da mercadoria dinheiro, processo que avança com a substituição do dinheiro pela moeda, signo do valor, e que, obviamente, fica evidente com a substituição da mercadoria dinheiro pelo dinheiro de crédito. Dessa forma, a eliminação da mercadoria dinheiro está a um passo.

Como compreendemos a teoria de Marx como uma teoria aberta, as formas desenvolvidas devem estar aptas a entender a dinâmica do capitalismo. Por isso, sem querer resolvê-la, acreditamos que a problemática do dinheiro no mundo contemporâneo encontra aí os pontos básicos para a análise. Eliminando a identidade entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro, fica evidente que a diferença entre a expressão de valor e o corpo do valor onde se materializa a referida expressão pode dar uma inteligibilidade nova à questão monetária atual, porque temos a considerar que o capital,

⁹ "III) Redução dos custos de circulação/1) Um custo de circulação fundamental constitui o próprio dinheiro, enquanto valor de 'per si'. O crédito o economiza de três maneiras: (...) C) Substituição do dinheiro ouro por papel" (MARX, 1978a, v.3, p.561).

no seu processo de valorização, exige uma velocidade cada vez maior, com reduções cada vez mais prementes nos custos de circulação. Há, portanto, necessidade imperiosa de eliminação de mercadoria dinheiro. E isso pode ser feito, **já que o fundamental é a expressão de valor**. Numa sociedade mercantil, essa expressão exige a sua materialização numa mercadoria, no corpo natural desta. Aí forma física e forma social se identificam. Porém, numa sociedade capitalista, com as características de acumulação e circulação conhecidas e ainda com a presença do Estado, a expressão de valor pode ser em **abstrato** e não, necessariamente, numa mercadoria concreta. O dinheiro de crédito garantido pelas autoridades monetárias pode ser o **corpo de valor em abstrato**, capaz de receber a expressão das mercadorias, porque o decisivo está aqui: a fonte da expressão, o valor, que não é dado pela mercadoria dinheiro. Esta fornece apenas o corpo para a expressão de valor. Os emissores da expressão são as próprias mercadorias. Dessa forma, o que é necessário manter são a expressão de valor e, logo, a dualidade de formas: a forma relativa de valor e a forma equivalente. O dinheiro de crédito ocupando esse pólo afigura-se como o repositário da expressão de valor. É óbvio que o dinheiro de crédito não é como a mercadoria dinheiro, portadora de valor. Mas lembremos da forma relativa do valor. Lá nos é dito que o que interessa é que a mercadoria que ocupa a forma equivalente não tem nenhuma determinação quantitativa. A troca de mercadorias numa sociedade mercantil exige uma mercadoria dinheiro para preencher a expressão da igualdade e da validade do trabalho humano. Numa sociedade mercantil capitalista, o capital e, no limite, o Estado não precisam que o corpo do valor, para expressar a valorização do capital, via venda de mercadorias, seja uma mercadoria dinheiro. Pode ser um dinheiro de crédito, garantido pelo Estado. O capital assegura que a expressão de valor de uma mercadoria tenha um equivalente que passa a assumir as funções de medir, circular, pagar e ser reserva de valor. Assegura, no sentido de dar curso ao processo de acumulação, pois o estabelecimento de um dinheiro de crédito, como dinheiro e equivalente geral, permite que a acumulação de capital prossiga, de tal modo que o caráter abstrato do equivalente seja a forma adequada do dinheiro diante das enormes complexidade e instabilidade que envolvem o capitalismo financeiro. Complexidade e instabilidade que aparecem em diversos aspectos quanto às questões da flutuação dos valores dos títulos e das mercadorias, da propriedade inflacionária da economia, etc.

Portanto, o caráter abstrato do equivalente é perfeitamente conveniente para uma época onde a velocidade de acumulação e de valorização, o descongelamento e a necessidade de aplicação financeira ou de investimento são urgentes. E as formas dúcteis do dinheiro, por exemplo, o dinheiro eletrônico — outra forma do dinheiro escritural —, são aquelas que permitem as expressões de valor das mercadorias do capital, o que significa que estas continuam a passar à forma dinheiro, ou seja, a efetuar o seu salto mortal. E, com isso, entramos no campo também da diferença: uma coisa é a forma dinheiro nas expressões mercantis, enquanto produto do trabalho, e outra é a forma dinheiro nas expressões mercantis, enquanto produto do trabalho **apropriado pelo capital**. Ou seja, a forma dinheiro das mercadorias do capital tem a sua forma equivalente ocupada pelo dinheiro de crédito, garantido pelo Estado. O movimento do capital no seu processo de acumulação, na sua volúpia de auto-relacionamento, tende a desmaterializar e suprimir a mercadoria dinheiro, sem, no entanto, eliminar a

necessidade de conversão da mercadoria em dinheiro, ou seja, sem liquidar a expressão de valor. As consequências em termos da teoria do valor são profundas, porém, se a teoria do valor é a teoria da valorização do capital, a forma dinheiro em abstrato serve a esse propósito. Escapa dessa exposição, e da nossa capacidade, discutir uma teoria da valorização financeira do capital como teoria do valor.

Afastamo-nos de nossa tese, mas o fizemos apenas para reforçar a defesa da idéia que lançamos. De um lado, para mostrar que está latente, em potência, a diferença entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro e, de outro, para apontar um caminho de compreensão da questão monetária no capitalismo moderno.

3 - CONCLUSÃO

Podemos sintetizar os cinco pontos inarredáveis que estamos defendendo neste trabalho:

- a) abstração e forma do valor;
- b) expressão de valor;
- c) estrutura polar da forma dinheiro;
- d) rotatividade da mercadoria equivalente, desenvolvida principalmente na forma simples do valor;
- e) diferença entre a forma do valor e a mercadoria dinheiro.

Revelam esses cinco pontos a riqueza múltipla e complexa da teoria monetária de Marx, porque indicam e salientam a necessidade de entender a questão do valor na sociedade mercantil simples como uma teoria que culmina com a gênese do dinheiro. Para tal é necessário pensar o valor como abstração real que, embora tendo como substância o trabalho abstrato, não pode ser completa sem que se assegure de sua forma. E a forma do valor plenamente desenvolvida só é uma: a mercadoria dinheiro.

A importância da forma do valor, tanto na compreensão do valor como na do dinheiro, é decisiva para deter interpretações quantitativas que ficam na expectativa de uma mercadoria absoluta ou de uma mercadoria composta. Primeiro, porque a mercadoria dinheiro é qualquer uma, resultado da ação múltipla das mercadorias. Só a História — ou, se quisermos, o costume social — consolida uma delas no posto de equivalente geral. Segundo, porque uma mercadoria composta é uma arbitrariedade intelectual. Arbitrariedade lógica. Força a solução da medida, sem discutir a qualidade e a expressão de valor. Ora, assim posto, a questão é verificar que a forma do valor é o modo como as mercadorias expressam o seu valor. Mas essa forma é a recomposição ideal de uma realidade mercantil. Não há um atropelo para resolver as incongruências da sociedade, onde o comércio, a compra e venda, é o imediato social. As incongruências do real captam-se nas incongruências da forma valor. Como nos diz Marx, essa forma é, de fato, a melhor maneira de expressar o desenvolvimento desse modo de produção. Assim, a forma do valor é o critério teórico, dialético, nas questões monetárias de Marx.

Se a forma do valor é, como diria Carlos Drummond de Andrade, "o nervo exposto do problema", o problema do nervo é, sem dúvida, a expressão do valor, porque ela se constitui na "linguagem das mercadorias" propriamente dita e nos dá um panorama de como cada mercadoria e todas manifestam o seu valor. A gênese da mercadoria dinheiro, do equivalente do trabalho social, está aqui, pois só a expressão de valor pode proporcionar a reconstrução da formação da mercadoria universal. Assim, o movimento das relações de produção mercantis provoca um movimento das mercadorias que exprimem o seu valor na mercadoria dita dinheiro. A expressão do valor organiza,

quando da exposição teórica, o detalhamento e o encadeamento e a necessidade das etapas que conduzem a forma IV.

A expressão de valor tem um segundo aspecto que destacamos. É a sua estrutura polar. Pois o que constatamos no seu desenvolvimento é a permanência de uma antítese: a forma relativa do valor e a forma equivalente. Essa antítese é uma constante em todas as formas do valor, de tal modo que é conservada, embora se ocultando, se disfarçando na oposição frontal entre a mercadoria e o dinheiro. Logo, a oposição tem por trás uma estrutura. E é ela que devemos sempre ter em conta, quando consideramos a forma do valor ou as relações entre a mercadoria e o dinheiro. Mesmo quando estivermos discutindo as relações intercapitalistas, essa estrutura permanece, assim como os temas da expressão e da forma do valor. Por isso o problema do dinheiro na economia capitalista contemporânea não pode encontrar solução se essas características incorporadas na forma dinheiro não forem levadas em conta.

Quando chegamos à mercadoria dinheiro, podemos ter uma ilusão, que chamaremos de estática — e oriunda do fetichismo da mercadoria. Trata-se daquela que abarca a idéia de uma mercadoria dinheiro definitiva. Podemos nos livrar dessa concepção ao refletirmos sobre a F_1 . Nela, a igualdade e validade igual dos trabalhos humanos, que é o segredo de toda forma do valor, se expressa através de uma oposição polar, onde a forma equivalente não tem nenhum equivalente social fixo. Podemos dizer, numa linguagem pessoal, que em F_1 há rotatividade da mercadoria que ocupa a forma equivalente, mas que a mercadoria dinheiro é uma forma consolidada na sociedade mercantil simples e que, logicamente, no entanto, pode ser corroída na sociedade capitalista, em função das necessidades do capital. Pois o que importa é a expressão de valor das mercadorias. Se quisermos argumentar com a F_3 , mesmo nessa forma a mercadoria equivalente geral pode ser qualquer uma, como resultado da disposição da comunidade das mercadorias. Com isso, a rotatividade da mercadoria equivalente geral impede que se veja a consolidação da mercadoria dinheiro como algo absoluto e não como uma forma histórica. Ficamos livres para compreender que pode haver a dita rotatividade, tanto em conjunturas particulares (especulação mercantil, colapso da circulação mercantil, etc.) como em situações de mais longo prazo. A cristalização da mercadoria dinheiro não é uma coisa definitiva, "imortal", no capitalismo.

O nosso último ponto trata de pôr em foco um tema ainda não tratado na economia monetária marxista. A diferença entre a forma do valor e a mercadoria dinheiro. Sua importância é fundamental, embora não possamos encontrar a questão tematizada explicitamente. O que constatamos tem um duplo aspecto. De um lado, percebemos que a expressão de valor se estabelece sempre como uma estrutura dual, em todas as formas do valor. E, como Marx não dá ao equivalente geral o caráter absoluto, podendo ser qualquer um, este ou aquele (linho em F_3 , ouro em F_4), a conclusão a que chegamos é lógica: há uma fissura, uma cesura, ou a possibilidade de uma cisão, entre a forma do valor — e no caso a forma dinheiro — e a mercadoria dinheiro.

Dessa maneira, afrontamos uma certa **perplexidade monetária** causada pela economia contemporânea e mais ou menos visível no desaparecimento da conversibilidade do dinheiro-papel na mercadoria dinheiro. Ou seja, ao invés de tentarmos discutir a volta ou a manutenção do padrão-ouro, como, por exemplo, Mandel (1980), o

importante teoricamente é constatar que a forma dinheiro, como uma das formas do valor, tem a plasticidade básica destas, o que nos permite manter a concepção de Marx, seja na permanência da estrutura polar, seja na ausência de uma mercadoria absoluta e definitiva que ocupe a forma equivalente. Tudo isso é possível por causa desse nada de diferença que existe entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro. Assim, no posto equivalente podemos ter um dinheiro-papel, desvinculado do valor-trabalho, mas garantido pelo Estado. Não impede, nem anula, a abstração e a forma do valor, e, por consequência, a expressão de valor. O capital serve-se, então, dessa rotação do equivalente geral, que não fixa nenhuma mercadoria nesse lugar. Percebemos que não há solidariedade, para todo e sempre, entre a forma dinheiro e a mercadoria dinheiro. Desaparecendo a indissolubilidade, abre-se caminho para a supressão desta última e sua substituição pelo dinheiro do Banco Central. Porém não basta constatar essa realidade, como faz, por exemplo, De Vroey; é preciso explicar como essa cisão dialética é inerente à forma do valor. Foi o que tentamos fazer.

Marx está mais do que nunca presente nas questões monetárias colocadas pela contemporaneidade histórica.

BIBLIOGRAFIA

- AGLIETTA, Michel (1976). **Régulation et crises du capitalisme**. Paris: Calmann-Lévy.
- AGLIETTA, Michel, ORLÉAN, André (1982). **La violence de la monnaie**. Paris: PUF.
- BACKHAUS, H.G. (1974). Dialectique de la forme de la valeur. **Critiques de L'Économie Politique**, Paris, n.18, oct./dec.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello (1979). A transfiguração crítica. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n.24, p.5-39.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello (1980). **Valor e capitalismo: um ensaio sobre a economia política**. São Paulo: Brasiliense.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello, TAVARES, Maria Conceição (1980). O capital financeiro e a empresa multinacional. **Temas**, São Paulo, n.9, p.113-124.
- BENETTI, Carlo, CARTELIER, Jean (1980). **Marchands, salariat et capitalistes**. Paris: François Maspero.
- BERNARDO, João (1983). O dinheiro: da reificação das relações sociais até o fetichismo do dinheiro. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.3, n.1, p.53-68, jan./mar.
- BLOCH, Ernest (1983). **Sujeto-objeto: el pensamiento de Hegel**. México: Fondo de Cultura Económica.
- BOFFITO, Carlo (1973). **Teoria della moneta**: Ricardo, Wicksell, Marx. 2.ed. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi.
- BRUNHOFF, Suzanne de (1976). **Etat et capital: recherche sur la politique économique**. Grenoble: PUG/François Maspero.
- BRUNHOFF, Suzanne de (1971). **L'offre de monnaie: critique d'un concept**. Paris: François Maspero. (*Economie et Socialisme*, 14).
- BRUNHOFF, Suzanne de (1967). **La monnaie chez Marx**. Paris: Sociales.
- BRUNHOFF, Suzanne de (1973). **La politique monétaire: un essai d'interprétation marxiste**. Paris: PUF.
- BRUNHOFF, Suzanne de (1979). **Les rapports d'argent**. Paris: PUG/François Maspero.

- BRUNHOFF, Suzanne de, CARTELIER, J. (1979). Moneda, crédito, capitalismo (I) la coacción monetaria: el equivalente general. *Transición*, Barcelona, n.7, p.38-42, abr.
- BRUNHOFF, Suzanne de, CARTELIER, J. (1979a). Moneda, crédito, capitalismo (y II) crisis e inflación. *Transición*, Barcelona, n.8, p.38-41, mayo.
- CASTORIADIS, C. (1978). Valeur, égalité, justice, politique de Marx à nous. In: _____. *Les carrefours du labyrinthe*. Seuil.
- COLLETTI, Lúcio (1977). *La cuestión de Stalin*. Barcelona: Anagrama.
- COLLETTI, Lúcio (1976). *Le marxisme et Hegel*. Paris: Champ Livre.
- CUTLER, Antony et al (1980). *O capital de Marx e o capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar. 2v.
- CUTLER, Antony et al (1978). *Marx's "capital" and capitalism today*. London: Routledge & Kegan. 2v.
- DE VROEY, Michel (1981). *Money and inflation in intensive accumulation: a conceptual introduction to Aglietta's theory of inflation*. Louvain: Université Catholique de Louvain. (mimeo).
- DOBB, M. et al (1977). *Estudios sobre el capital (I)*. 4.ed. México: Siglo XXI.
- DOGNIN, Paul-Dominique (1977). *Les "sentiers escarpés" de Karl Marx*. Paris: Les Editions du Cerf. 2v.
- DUMENIL, Gérard (1978). *Le concept de loi économique dans "le capital"*. Paris: François Maspero.
- DUMENIL, Gérard (1977). *Marx et Keynes face à la crise*. Paris: Economica.
- ELDRED, Michael, HANLON, Marnie (1981). Reconstructing value-form analysis. *Capital & Class*, Londres, n.13, p.24-60, Spring.
- FAUSTO, Ruy (1983a). Abstração real e contradição sobre o trabalho e o valor. In: _____. *Marx; lógica e política*. São Paulo: Brasiliense. p.89-138.
- FAUSTO, Ruy (1978). Abstraction réelle et contradiction: sur le travail abstrait et la valeur. *Critiques de L'Économie Politique*, Paris, n.2, p.88-121, jan./mars.
- FAUSTO, Ruy (1977). Althusserismo e antropologismo. *Almanaque*, São Paulo, n.4, p.47-59.
- FAUSTO, Ruy (1978a). Dialética marxista, antropologismo e anti-antropologismo. *Discurso*, São Paulo, n.8, p.67-105, maio.
- FAUSTO, Ruy (1983). *Marx, lógica e política*. São Paulo: Brasiliense.
- FAUSTO, Ruy (1982). Sur la forme de la valeur et le fétichisme. *Critiques de L'Économie Politique*, Paris, n.18, p.133-155, jan./mar. (Nova Série).

- FOLEY, Duncan (1978). **On Marx's general theory of money**. s.n.t. (mimeo).
- FOLEY, Duncan (1975). **Towards a marxist theory of money**. Stanford University/Institute for Mathematical Studies in the Social Sciences. (mimeo).
- FOLEY, Duncan (1982). The value of money, the value of labor power and the marxian transformation problem. **The Review of Radical Political Economics**, New York, v.14, n.2, p.37-48, Summer.
- GAREGNANI, P. (1979). **Debate sobre la teoria marxista del valor**. México: Siglo XXI.
- GERAS, Norman (1971). Essence et apparence: aspect du fétichisme chez Marx. **Les Temps Modernes**, Paris, n.304, p.626-650, nov.
- GIANOTTI, José Arthur (1968). Contra Althusser. **Teoria e prática**, São Paulo, n.3, p.66-82, abr.
- GIANOTTI, José Arthur (1979). As formas da sociabilidade capitalista. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n.24, p.41-126.
- GIANOTTI, José Arthur (1966). **Origens da dialética do trabalho**. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- GIANOTTI, José Arthur (1985). **Origens da dialética do trabalho: estudo sobre a lógica do jovem Marx**. Porto Alegre: L&PM.
- GIANOTTI, José Arthur (1983). **Trabalho e reflexão: ensaios para uma dialética da sociabilidade**. São Paulo: Brasiliense.
- HILFERDING, Rudolf (1970). **Le capital financier**. Paris: Les Éditions de Minuit. (Arguments, 45).
- IL'ENKOV, Eval'd Vasil'evic (1975). **La dialettica dell'astratto e del concreto nel capitale di Marx**. Milano: Feltrinelli.
- INNES, Duncan (1981). Capitalism and gold. **Capital & Class**, Londres, n.15, p.5-35, Summer.
- KOSIK, Karel (1967). **Dialectica de lo concreto**. México: Grijalbo.
- KURKINEVA, Carlos Alberto Woldemar (1977). **A problemática da transformação**. Campinas. (mimeo).
- LAPA, M.R. (s.d.). **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes.
- LIPIETZ, Alain (1982). Credit money: a condition permitting inflationary crisis. **The Review of Radical Political Economics**, New York, v.14, n.2, p.49-58, Summer.
- LUCKÁCS, Georg (1960). **Histoire et conscience de classe**. Paris: Les Editions de Minuit.
- LUPORINI, Cesare (1969). **Dialectica marxista e historicismo**. Cordoba: Pasado y Presente.

- MANDEL, Ernest (1980). **A subida do ouro. Perspectiva Mundial**, Lisboa, v.1, n.1, mar.
- MARX, K. (1968). **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 6v.
- MARX, K. (1966). **El capital**. México: Fondo de Cultura Económica. 3v.
- MARX, K. (1978). **El capital**. México: Siglo XXI. 8v.
- MARX, K. (1976). **Contribución a la crítica de la economía política**. Madrid: Alberto Corazon Editor.
- MARX, K. (1978a). **Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) 1857-1858**. México: Siglo XXI. 3v.
- MARX, K. (1974). **Teoria sobre la Plus Valia**. Buenos Aires: Cartago. 3v.
- MARX, K. (1971). **Un chapitre inédit du capital**. Paris: Union Générale d'Éditions.
- MARX, K., ENGELS, F. (1972). **Correspondencia**. Buenos Aires: Cartago.
- MAZZUCHELLI, Frederico (1985). **A contradição em processo**. São Paulo: Brasiliense.
- MELLO, João Manuel Cardoso de (1977). **O Estado brasileiro e os limites da "estatização". Ensaios de Opinião**, Rio de Janeiro, n.2+3, p.14-16.
- MIGLIOLI, Jorge (1981). **Acumulação de capital e demanda efetiva**. São Paulo: TA Queiroz.
- MULLER, Marcos Lutz (1982). **Exposição e método dialético no "capital"**. Campinas. (mimeo).
- NAPOLEONI, C. (1974). **Fisiocracia, Smith, Ricardo, Marx**. Barcelona: Oikos-Rau.
- NAPOLEONI, C. (1976). **Lecciones sobre el capítulo sexto (inédito) de Marx**. México: Era.
- NAPOLEONI, C. (1980). **O valor na ciência econômica**. Lisboa: Presença.
- OLIVEIRA, Fabricio Augusto de (1983). **O valor em Marx e a falácia de Garegnani. Revista de Economia Política**, São Paulo, v.3, n.3, p.55-69, jul./set.
- PEIXOTO, Nelson Brissac (1982). **A sedução da barbárie**. São Paulo: Brasiliense.
- PIRES, Eginardo (1979). **Valor e acumulação**. Rio de Janeiro: Zahar.
- POSSAS, Mario Luiz (1983). **Marx e os fundamentos da dinâmica econômica capitalista**. Campinas: UNICAMP. (mimeo).
- POSSAS, Mario Luiz (1981). **Valor, preço e concorrência: não é preciso recomeçar tudo desde o início. Revista de Economia Política**, São Paulo, v.2, n.4, p.71-110, out./dez.

- REICHELTL, Helmut (1973). **La struttura logica del concetto di capitale in Marx**. Bari: De Donato.
- RICARDO, David (1975). **Princípios de economia política e tributação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROSDOLSKY, Roman (1978). **Génesis y estructura de el capital de Marx**. México: Siglo XXI.
- ROWTHORN, Bob (1982). **Capitalismo, conflito e inflação. Ensaio de Economia Política**, Rio de Janeiro.
- RUBIN, Isaak Illich (1974). **Ensayo sobre la teoria marxista del valor**. Cordoba: Pasado Y Presente. (Cuadernos de Pasado Y Presente, 53).
- SILVA, Sérgio (1981). **Valor e renda da terra**. São Paulo: Polis.
- TAVARES, Maria da Conceição (1972). **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. Rio de Janeiro: Zahar.
- TAVARES, Maria da Conceição (1979). O movimento geral do capital. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n.25, p.5-26.
- TAVARES, Maria da Conceição, BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello (1980). O capital financeiro e empresa multinacional. **Temas**, São Paulo, n.9, p.113-124.
- TOLIPAN, Ricardo (1981). Capital, concorrência e emprego da técnica. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v.11, n.1, p.183-202, abr.
- TOLIPAN, Ricardo (1983). Dinheiro e transformação em Marx. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.3, n.3, p.43-53, jul./set.
- TORRES, João Carlos Brum (1979). **Valor e forma do valor**. São Paulo: Símbolo.
- ZELNY, Jindrich (1974). **La estructura lógica de "el capital" de Marx**. Barcelona: Grijalbo. (Colección Tema y Realidad, 5).